

- “MONEY: ZERO!”  
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO COMPOSITOR  
FRUCTUOSO VIANNA (1896- 1976), PARA O MIS DO RIO  
DE JANEIRO, EM 1974

- “MONEY: ZERO!”  
*TRANSCRIPTION OF THE INTERVIEW OF THE COMPOSER  
FRUCTUOSO VIANNA (1896- 1976), FOR THE MIS IN RIO  
DE JANEIRO, IN 1974*

Marcos Câmara de Castro  
Universidade de São Paulo  
[mcamara@usp.br](mailto:mcamara@usp.br)

Rafael Stein Pereira  
Universidade de São Paulo  
[rapeste@gmail.com](mailto:rapeste@gmail.com)

*para Nádia, Théo e Zélia*

## Resumo

O objetivo deste trabalho é transcrever o depoimento do compositor brasileiro Frutuoso Vianna realizado para o ciclo “Música Erudita”, do Museu da Imagem e do Som (MIS) em 23 de agosto de 1974. Buscamos manter a transcrição o mais fiel possível, identificando terminologias, ideias, e conceitos que atualmente necessitem de maiores explicações. Com o depoimento de Frutuoso Vianna ao MIS, temos o intuito de apresentar as ideias e a trajetória do compositor, a fim de oferecer aos estudantes e pesquisadores elementos que ajudem numa melhor compreensão de suas composições. Além disso procuramos identificar as mais diferentes figuras históricas que perpassaram a vida do compositor.

**Palavras-chave:** Frutuoso Vianna; Música Clássica Brasileira; Modernismo.

## Abstract

The objective of this work is to transcribe the testimony of the Brazilian composer Frutuoso Vianna made for the cycle "Erudita Music", of the Museum of Image and Sound (MIS) on August 23, 1974. We seek to keep the transcription as faithful as possible, identifying terminologies, ideas, and concepts that currently need further explanation. With Frutuoso Vianna's testimony to MIS, we intend to present the composer's ideas and trajectory, in order to offer students elements that help in a better understanding of his compositions. In addition, we tried to identify the most different historical figures that permeated the composer's life.

**Keywords:** Frutuoso Vianna; Brazilian Classical Music; Modernism.

## Nota Introdutória

por Marcos Câmara de Castro

Ainda me lembro do dia em que cheguei em casa com uma preciosidade nas mãos: duas fitas-cassete<sup>1</sup> contendo a gravação integral do depoimento que Frutuoso dera no MIS do Rio de Janeiro, em 1971. Era 1986 e eu acabara de conhecer Anna Maria, a filha mais nova do compositor, que viria a falecer precocemente em 1993. Quantas visitas fiz a ela, no bairro nobre dos Jardins, em São Paulo, para conversarmos sobre seu pai, ouvirmos juntos gravações...

" – Não faça cópia!", disse-me desconfiada, na saída de seu apartamento onde, anos mais tarde, eu também ouviria o último brinde: " – Frutuoso não morreu!", uma semana antes de ela morrer de uma crise de asma.

---

1 A fita cassete (português brasileiro) ou cassete audio (português europeu), *compact cassette* ou simplesmente *cassete* é um padrão de fita magnética para gravação de áudio lançado oficialmente em 1963, invenção da empresa holandesa Philips. Em português, também é abreviado como K7. O cassete era constituído basicamente por 2 carretéis, a fita magnética e todo o mecanismo de movimento da fita alojados em uma caixa plástica. Isso facilitava o manuseio e a utilização, permitindo que a fita fosse colocada ou retirada em qualquer ponto da reprodução ou gravação sem a necessidade de ser rebobinada como as fitas de rolo. Com um tamanho de 10 cm x 7 cm, a caixa plástica permitia uma enorme economia de espaço e um excelente manuseio em relação às fitas tradicionais. Fonte [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita\\_cassete](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_cassete) (acesso em 09/12/2021).

Voltei para casa, tranquei-me no quarto, apaguei a luz e fiquei saboreando cada palavra com o sotaque mineiro daquele senhor de 78 anos, na época em que se deu o depoimento. Até hoje ainda trabalho sobre sua obra – depois do primeiro contato, na década de 1980, através do meu amigo Eduardo Inke<sup>2</sup>, que morava no bairro de Moema e tínhamos o hábito de frequentar desinteressadamente a casa dos amigos, para tocar, conversar, ouvir música juntos. Ele chamou-me ao piano para mostrar os *Jogos Pueris*.

Como diria Tom Jobim<sup>3</sup>:

– “Fiquei vidrado! O Brasil não conhece o Brasil!”.

Na verdade, não fiz cópia na época, possivelmente devido àquele sentimento de “paixão, sinceridade e sabedoria, só possível nos corações muito jovens”; como diz o narrador da série *Wonder Years*<sup>4</sup>, da TV.

Mais tarde ela me encomendaria a transcrição deste depoimento e me pagaria por isso. Não lembro agora quanto, mas eu não quis pedir muito. E ela, que vivia confortavelmente, foi generosa... Anna Maria vivia cercada por músicos e admiradores de Vianna (que não são poucos!), mas o meio musical brasileiro ainda vivia o entusiasmo do glamour, do esnobismo e da arrogância. Ainda não somos como os europeus que gostam de música clássica: flertamos com ela ou fingimos que gostamos porque é chique. Afinal de contas, a música clássica é um patrimônio antes de tudo europeu – que depois estendeu-se para as Américas e outros continentes. Como dizem Cook & Pople (2004 p. 9)<sup>5</sup>:

A música ocidental, claramente localizada por volta de 1900 nos centros urbanos da Europa e América do Norte, se tornou uma moeda global, da mesma forma que o hambúrguer, e às vezes temos a impressão de que a tradição da ‘arte’ floresce mais no Leste da Ásia, Israel e partes da América do Sul do que em seus antigos centros.

---

2 Nascido em Niterói, em 1960, atualmente é professor de piano em Tampa, Florida, EUA.

3 Em cartão postal para Anna Maria Vianna, filha de Fructuoso, com carimbo do correio registrando Rio de Janeiro, 29/01/1985.

4 “Anos incríveis”, série estadonidense de televisão, criada por Carol Black e Neal Marlens, e dirigida por Michael Dinner e Nick Marck. Com Fred Savage, Daniel Stern e Jason Hervez, transmitida no Brasil pela RTC nos anos noventa e várias vezes reprisada.

5 Tradução de Janaína Lemos.

Frutuoso permaneceu até 2003 como uma eminência parda<sup>6</sup>: alguém que só os entendidos apreciavam. Conheci Guigui<sup>7</sup>, sua filha mais velha, em Poços de Caldas, num recital de Sônia Goulart, em 1992, no Centro Cultural do Instituto Moreira Salles<sup>8</sup>. Nessa época, eu andava com o Paulo Castagna e fomos juntos. Éramos colegas, docentes na Faculdade Carlos Gomes, e ele estava interessado em minhas pesquisas sobre o compositor mineiro. Musicólogo e Biólogo, Castagna tem o rigor científico apropriado para abordar o fenômeno musical como um organismo vivo e isso ajudou-me muito na época.

Quando resolvi fazer o meu mestrado, o tema já era claro, e o Prof. Marco Antonio da Silva Ramos apoiou-me nisso. Ficarelli aceitou-me como seu orientando e falava de Edgar Allan Poe e de “Codas Estruturais”, para enriquecer minha narrativa. Eu ia colhendo as informações daquela caixa que dormiu uma noite em casa, em 1998, quando intermediei a doação do Acervo à ECA<sup>9</sup>. Liguei para o Roberto Szidon, na Alemanha, e contei-lhe a façanha, já que ele também sempre foi um admirador da obra de Vianna. Eu sentava na sala do LAM – Laboratório de Musicologia do CMU, coordenado pelo Lorenzo Mammi – e ficava lendo cada papelzinho do acervo. Nem estava muito preocupado com a dissertação, já que o assunto era a minha paixão. Sei que, num determinado momento, veio-me o título e depois, quando vi, o trabalho estava pronto. Com a mão na massa, respirando aquilo tudo, o texto fez-se construir “sozinho” – consequência natural da transpiração e do envolvimento.

---

6 Ano da publicação de meu livro *Frutuoso Vianna, orquestrador do piano*, vencedor do I Prêmio ABM de monografia e fruto da minha dissertação de mestrado, sob a orientação de Mario Ficarelli, em 2001, e saudado por João Luís Sampaio em artigo no Estado de São Paulo de 21/12/2003, p. D5.

7 Maria Guilhermina Vianna.

8 Poços de Caldas recebeu o primeiro centro cultural do IMS, inaugurado em agosto de 1992. Foi uma escolha do próprio Walther Moreira Salles para homenagear a região onde sua família se estabeleceu em 1918. O IMS Poços é composto por um chalé centenário e um centro cultural com mais de 1000 m<sup>2</sup> de área expositiva, distribuída em dois pavimentos. O chalé Cristiano Osório, projetado e construído por Giovanni Battista Pansini em 1894, foi adquirido pelo IMS em 1989 e passou por diversas adaptações e restauros, tendo como principal diretriz a preservação rigorosa do estilo original e sua revitalização arquitetônica. Disponível em < <https://ims.com.br/unicidade/pocos-de-caldas/> > (Acesso em 16/12/20). O centro cultural foi projetado por Aurélio Martinez Flores e inaugurado em agosto de 1992, com projeto moderno e minimalista que se na paisagem pela volumetria branca e pela ampla escadaria na fachada principal.

9 Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo.



Figura 1 - Artigo de João Luiz Sampaio no Estadão (Acervo particular do autor)

Cumpria-se então encorar o doutorado. Mais uma vez Ficarelli, meu querido e saudoso mestre, colocou-se à disposição. Era preciso defender alguma tese e não mais dissertar ou compilar. Foi então que, em sua casa, ele mesmo sentenciou:

– “Não é um compositor menor!”

Eu tinha acabado de ler uma carta infeliz de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, em que ele atribuía a Vianna “um certo banal disfarçado que [lhe irritava] muito nos franceses”. Lembrei-me de Borges, em sua autobiografia, escrita originalmente em inglês, onde disse que em francês “tudo soa banal”. Bernard Pivot cobrou-lhe isso num de seus programas.

– “Vous n’êtes pas tendre avec les français!<sup>10</sup>”.

Comprei uma briga imaginária, tomei as dores de Frutuoso Vianna e fui pedir satisfações a Mário de Andrade. Fui ao Houaiss achar os antônimos de “banal” e “disfarçado” e então ficou fácil. O título já estava pronto: “O original evidente em Frutuoso Vianna”.

Na defesa (do doutorado), Rubens Ricciardi – que integrava a banca – deu o caso por encerrado e disse que dali em diante eu não precisaria mais me preocupar com o Mário e sim fixar-me nas questões interpretativas das canções de Vianna, já que, para provar o original evidente, precisei analisar a integral de suas canções – início do trabalho de edição de sua obra completa.

Todo esse projeto de pesquisa (e de vida) começou com a escuta apaixonada desse depoimento que agora trago a público com a esperança de que se vejam também, tanto quanto eu vi, seu humor fino; sua ironia mineira; sua fala despretenciosa e até humilde; e acima de tudo sua simplicidade, quando se orgulha por ter sido condecorado pelo Rei Albert I, da Bélgica (– “Pode parecer que estou querendo me exibir”). É uma prosa simples que conta seus feitos e seus orgulhos: “a música só me deu glórias; *Money*: zero!”. Melhor que isso só ouvir sua música.

---

10 – “O senhor [não foi] gentil com os franceses!”. Programa literário para TV, “Brouillon de Culture”, transmitido pelo Canal Plus, França. Disponível em 1:38’ de <https://www.youtube.com/watch?v=yZQ3erJtKHQ> (acesso em 19/04/2022). Images d’archive INA Institut National de l’Audiovisuel. <http://www.ina.fr> (acesso em 21/12/2021).

# Frutuoso: Vida e Inspirações. Da entrevista à transcrição. O depoimento à luz da História Oral

Marcos Câmara de Castro

Rafael Stein

*Les souvenirs sont cors de chasse  
Dont meurt le bruit parmi le vent  
(Apollinaire)*

O entrevistado, na época, tinha 78 anos de idade, portanto fomos compreensivos quanto a alguns lapsos de memória e até com a organização do pensamento apresentado oralmente. O fato de trabalharmos com uma gravação em áudio, fez-nos refletir sobre duas maneiras de se transcrever tal entrevista: 1) transcrever na íntegra; 2) transcrever elucidando os discursos. Na primeira, apresentaríamos, praticamente uma “partitura” de todas as minúcias sonoras observadas na gravação, de modo que, em alguns momentos, a autenticidade sonora poderia prejudicar a compreensão e a construção lógica das frases. Por exemplo, em momentos em que algumas linhas de pensamentos são interrompidas por comentários curtos, que pouco contribuem para elucidação dos discursos apresentados, ou em momentos que algumas interjeições se mostram desnecessárias.

Decidimos pela segunda opção, pois acreditamos que manter a linha de pensamento em um determinado discurso, seria algo mais compreensível para o leitor. Nesta segunda opção, também optamos por “corrigir” algumas concordâncias verbais, e reorganizações de frases, de modo que o discurso, apesar de não ser o da íntegra, mantem-se completamente fiel ao apresentado no áudio, porém reorganizado de forma a proporcionar ao leitor uma melhor compreensão do próprio discurso.

Se pensarmos que, em 1974, a História Oral dava seus primeiros passos rumo à condição de ciência acadêmica<sup>11</sup>, esse depoimento pode ser considerado pioneiro. A iniciativa de Ricardo Cravo Albim, frente ao MIS do Rio de Janeiro, de registrar em rolos de fita<sup>12</sup> depoimentos vivos de personalidades do mundo da música, sob a coordenação de Aluísio de Alencar Pinto, já configura por si uma decisão visionária. Daí a necessidade de o transcritor/transcriador relevar certa ansiedade detectável dos entrevistadores, que às vezes não perdoam os silêncios e hesitações do entrevistado – material hoje tão valorizado pelos historiadores orais.

O acaso da entrevista gravada faz parte do registro, se pensarmos que a história oficial escrita não é menos arbitrária e dirigida. O interesse pelo erro e pelo lapso é pertinente a esse tipo de narrativa por se constituir também da substância da História Oral<sup>13</sup>. O depoimento se modificará a cada nova transcrição, de acordo com a perspectiva da escuta. Aqui, tentou-se privilegiar o entrevistado, seu humor naquele determinado 23 de agosto de 1974, às 14h, e suas tentativas não raras de subverter sutilmente as exigências de seus interlocutores, pela convicção de que estes detalhes são reveladores de sua personalidade e de sua maneira de ver sua própria história e seu lugar entre seus pares.

Para mais informações sobre o compositor, remetemos ao livro *Frutuoso Vianna, orquestrador do piano* (2003), onde se lê (pp. 1-5):

---

11 A história oral foi introduzida no Brasil com a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, na década de 1970, crescendo e adquirindo adeptos ao longo dos anos. Ver < <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> > (acesso em 21/12/2021).

12 O gravador de rolo é um aparelho de som para gravação e reprodução de sinais em plásticos. É também conhecido como gravador de bobina, ou Open reel (carretel aberto). Disponível em < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gravador\\_de\\_rol%C3%B3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gravador_de_rol%C3%B3) > (Acesso em 16/12/2021).

13 As práticas sociais e as ações individuais (PIMENTA, 2005, p. 528) definem a identidade profissional e “suas vinculações com a prática social em sua historicidade” (PIMENTA, op. cit., p. 524). Considerando que, entre as fraquezas da memória, está sua “tendência para a lenda e para o mito” (JOUTARD, in FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI, 2000, p. 34), é preciso relacionar valores e organizar as informações, interpretando-as. Ao mesmo tempo em que a memória é também um “elemento constitutivo da identidade” (JOUTARD, op. cit., p. 43), dialeticamente, também há que se respeitar a “memória seletiva”, considerando-a no conjunto das ações individuais que visam a legitimação da profissão, uma vez que “as fontes documentais não são menos seletivas e tendenciosas” (THOMSON, in FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI, 2000, p. 52) e “a memória não é um depósito passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significados” (ibidem, p. 53).



Membro fundador da cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Música, (...). Entre 1923 e 1926, viveu na Europa, entre Paris (onde estudou com Blanche— Selva)<sup>14</sup>, Bruxelas (com Arthur De Greef)<sup>15</sup> e Berlim (com Rudolf Hauschild)<sup>16</sup>. (...) Como pianista, apresentou-se em inúmeras cidades brasileiras e, em 1922, tocou obras de Villa-Lobos, na Semana de Arte Moderna. Morou 9 anos em São Paulo onde foi professor do Conservatório Dramático e Musical e Regente do Coral Paulistano, substituindo Camargo Guarnieri quando este foi estudar em Paris. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e lá aposentou-se pela Escola Técnica Federal na cadeira de professor de educação musical e piano. No dia 23 de Agosto de 1971, às 14:30 h, no estúdio do Museu da Imagem e do Som (MIS), do Rio de Janeiro, Vianna deixou para a posteridade, um depoimento registrado em fitas de áudio para o ciclo “Música Erudita” daquela instituição. A gravação foi operada por Paulo Lavrador, conduzida por Aloysio de Alencar Pinto, coordenador das gravações desse ciclo e então membro do Conselho de Música do Museu, e pelo jornalista Ricardo Cravo Albim, diretor executivo da casa. Uma nota da imprensa, na época, comenta este depoimento:

(...) Sempre consultando alguns apontamentos, o compositor recordou com detalhes todas as passagens de sua vida. Chegou a emocionar-se quando lembrou que, em 1920, foi buscar o Rei Alberto I, da Bélgica, a bordo do “Encouraçado São Paulo” e lá tocou para o soberano, em duo com a rainha, que era violinista (...).<sup>17</sup>

---

14 Blanche Selva (Brive, Corrèze, 29/1/1884 — St. Amand Tallende, 3/12/1942), pianista e professora francesa. Primeiro prêmio no CNSM - Paris, em 1895 e discipula de D'Indy. Estudou na Schola Cantorum e lá lecionou de 1901 a 1922 e depois em Praga e Estrasburgo. Dirigiu sua própria Academia em Barcelona. Depois de 1902, dedicou seu talento aos compositores franceses modernos que ela tocou na Société Nationale de Musique e na Libre Esthétique, de Bruxelas. Especializou-se também em música tcheca e é autora de cinco livros teóricos.

15 Arthur De Greef (Lowen, Bélgica, 1862 — 1940). Aluno de Brassin no Conservatório de Bruxelas, onde mais tarde ensinou. Aperfeiçoou-se com Liszt, em Leipzig, e foi concertista de nomeada. Autor de música de câmara e de peças para piano. Recebeu o seguinte comentário de Debussy: “M. A. de Greef a joué merveilleusement un concerto pour piano de Saint-Saëns (oeuvre consacré)”. *La Revue Blanche*, Paris, 1<sup>er</sup> avril 1901.

16 Rudolf Hauschild, ex-aluno de Egon Petri, da escola de Busoni.

17 “Frutuoso Viana diz que música clássica rende apenas glórias”. *O Globo*. Rio, 28 de agosto de 1971.

(...) Em linhas gerais, sua obra consiste em miniaturas para piano solo ou canto e piano e outras poucas incursões em diferentes formações. Não lhe atraíam os grandes projetos sinfônicos, preferindo dizer “o máximo com o mínimo”.

Uma última observação: esta transcrição teve início em 1993, por encomenda de sua filha mais nova, Anna Maria Vianna, falecida naquele ano. As edições continuaram durante dois semestres do curso de pós-graduação em música da ECA/USP, de 2009 e 2010, e contaram com a colaboração dos alunos: Clara Bastos, Clarissa Cabral, Eliana Monteiro, Flávia Botelho, Lucas Eduardo, Marcelo Fernandes, Renato de Almeida e Rogério Santos que, com interesse, ouviram em aula a gravação, seguindo o texto já copiado, fornecendo inestimáveis informações e sugestões. A eles, o nosso reconhecimento e nossa gratidão.

Anos depois, o TCC de Rafael Stein, em 2018, no Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão da Universidade de São Paulo, consistiu no trabalho de inserir as notas de rodapé explicativas, atualizando o depoimento e dando sentido aos assuntos e personagens mencionados na entrevista para Aloysio de Alencar Pinto e Ricardo Cravo Albim, ao longo de duas horas e dez minutos — trabalho que o Rafael realizou com todo cuidado e precisão.

Atualmente, esta pesquisa faz parte do Projeto Acadêmico do DM/FFCLRP, do V Ciclo de Avaliação Institucional da Universidade de São Paulo (2018-2022). Este projeto inclui ações como digitalização<sup>18</sup> e revisão musicológica da obra completa, gravação da obra para piano e das canções, publicação de *papers* e promoção de eventos pela equipe formada pelos colegas Fátima Corvisier, Fernando Corvisier, Yuka de Almeida Prado, Marcos Câmara de Castro e alunos bolsistas.

---

18 Que vem sendo realizada pelo bolsista PUB Mario Baylão, durante a pandemia. As gravações estão aguardando o momento oportuno devido ao isolamento físico.



Figura 2 - Igreja Matriz de Itajubá, Paróquia Nossa Senhora da Soledade. Acervo Frutuoso Vianna da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (dormente Acervo FV).

MIS – Atenção, gravação para o ciclo “Música Erudita”, do Museu da Imagem e do Som [Rio de Janeiro]. Depoimento do professor, emérito compositor, membro da Academia Brasileira de Música... Outros títulos, Aluísio de Alencar Pinto?

MIS – Acho que só. Já foi dito...

MIS – Bom, Frutuoso de Lima Vianna, que faz o seu depoimento para esta instituição, hoje, no dia 23 de Agosto de 1971; depoimento este que começa exatamente aos trinta minutos passados das 14 horas, no estúdio do Museu da Imagem e do Som. Esta gravação, operada por Paulo Lavrador, será conduzida por Aluísio de Alencar Pinto, coordenador das gravações deste ciclo e membro do Conselho de Música do Museu, e Ricardo Cravo Albim, diretor executivo desta casa e que, neste momento, formula ao entrevistado a primeira pergunta, como

---

<sup>19</sup> A transcrição desta entrevista foi por mim concluída em 16 de Fevereiro de 1993, por encomenda da filha do compositor, Anna Maria Brasil Vianna, em São Paulo, SP. O leitor deve imaginar o sotaque mineiro...

de hábito: Professor Frutuoso Vianna, seu nome completo, a data de nascimento, o local de nascimento e a filiação.

VIANNA — *Meu nome é Frutuoso de Lima Vianna, se bem que conhecido por Frutuoso Vianna, que foi uma fórmula adotada mais tarde...*[pausa]

MIS — Pois não, Professor...

VIANNA — [gagueja] *Uma fórmula adotada para a Arte. Meu nome de batismo é Frutuoso de Lima Vianna. Sou filho de Miguel AMISnjo de Souza Vianna e Maria Guilhermina de Lima Vianna. Nasci em Itajubá, Estado de Minas, a 6 de setembro de 1894<sup>20</sup>. Por conseguinte, no próximo dia 6, farei meus 75 anos, se Deus quiser!*

MIS — A sua família...Como o Sr. passou o começo de sua vida? Poderia narrar? [pausa] Até o momento em que se interessou pela música, para que nós então desenvolvamos juntos...

VIANNA — *Eu tenho a lembrança, a mais remota lembrança de que nós morávamos em Itajubá, numa casa perto da Igreja Matriz, e ali minha mãe nos cuidava. Éramos apenas dois filhos ainda. Era o começo da vida dela, da vida dos meus pais. Então minha mãe freqüentava muito a igreja no mês de Maria — era célebre o mês de Maria em Itajubá. A minha mais remota lembrança foi quando eu senti que tinha um irmão meu chorando e era o meu irmão mais velho, chorando numa outra cama, perto da minha cama e eu me senti menor do que ele; me senti atemorizado pelo fato de ele estar chorando. Então essa é a lembrança mais remota. Chegou minha mãe da Igreja, ouvindo esse choro, o meu choro, veio me acalantar, com todo o carinho da mulher brasileira, e acalantar o meu irmão que também já tinha, vamos dizer, talvez por solidariedade (risos), anuído<sup>21</sup>. Então neste caso ficou em mim esta lembrança, a mais remota lembrança da minha vida.*

MIS — É o marco, não é?

---

20 Vianna equivoca-se quanto ao ano de seu nascimento, na verdade, 1896.

21 Que foi consentido, aprovado ou assentido: processo anuído. Verbo anuir: dar permissão para a realização de algo.

VIANNA — *É um grande marco. E eu me lembro também das coisas mais remotas — o Sr. me perguntou, não é a respeito disso que o Sr. quer saber? Da minha vida pequena, de infância?*

MIS— *Exatamente, professor.*

VIANNA — *Eu me lembro de que não fui levado à hora certa para cortar os meus cabelos mas deixaram que uma trança se crescesse na minha cabeça. Era uma trança que, da minha cabeça, foi para uma imagem de Nossa Senhora. Que a minha avó então cobiou-a por muito tempo. E o dia em que fui ao cabeleireiro tirar a minha trança eu me lembro como se fosse hoje, viu? Foi no comecinho deste século [XX]; talvez eu tivesse uns 5 ou 6 anos. Mais ou menos 1901. Então são 70 anos de Frutuoso Vianna aí. Quer mais?*

MIS— *E de recordações assim, vamos dizer, de música? Qual foi tua primeira impressão?*

VIANNA — *Minha recordação de música? Foram as seguintes: eu ouvia minha mãe tocar piano, no tempo em que nós não tínhamos piano em casa, antes de ter piano em casa... (o nosso piano foi comprado em 1904<sup>22</sup>). Mas antes de haver piano na minha casa, na casa de meus pais, minha mãe ia para a casa de meus avós estudar um pouco, quer dizer, espairecer a sua veia de artista, que ela também tinha uma veia boa. Então eu ia para junto do piano e me lembro que por muitas vezes eu dormia de pé. O meu joelho flexionava naquela hora e minha mãe então percebia que eu estava dormindo: “— Ah, você estava dormindo em vez de me escutar!”, um negócio nesse sentido. Mas aí eu me lembro, apesar de tão remotas que são essas coisas, eu estou lembrando disso: que eu dormia com a música da minha mãe. Porque essa música também acalentava; ela tocava com um bom gosto como muita gente que também conheci e que toca com bom gosto; inclusive meu pai...*

---

22 Um Gaveau de meia-cauda, trazido da França e que se encontra na mesma casa da Chácara Vila Amélia, em Itajubá (MG), onde moram os herdeiros de seu irmão mais velho, Luiz.



Figura 3 - Acervo FV

### **...Papai alimentou minha vocação!**

MIS — Seu pai também era músico?

VIANNA — *Meu pai era amador de canto mas ele tocava piano. Ele estudou com Enrico Festa, um professor italiano de São Paulo. Porque meu pai foi para São Paulo mocinho, estudar na Academia de Direito; ele é formado em Direito. De maneira que a turma de meu pai, na Faculdade de Direito, era uma turma fantástica: João Luís Alves<sup>23</sup>, Hipólito de Araújo<sup>24</sup>, Edmundo Lins<sup>25</sup>...*

MIS — Que foi ministro...

VIANNA — *Carlos Peixoto<sup>26</sup> que foi presidente da Câmara dos Deputados. João Luís Alves foi Ministro da Justiça e era um espírito*

---

23 João Luís Alves (Juiz de Fora, MG, 1870 — Paris, França, 1925), formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1889. Deputado Federal em 1903; Senador pelo Espírito Santo em 1908. No governo Arthur Bernardes, Ministro da Justiça, de 1922 a 1924, e Ministro do Supremo Tribunal. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Obras Jurídicas: *Código Civil Brasileiro Anotado* (dois volumes).

24 Hipólito/ Hypólito de Araújo

25 Edmundo Lins (Serro, MG, 1863 — Rio de Janeiro, RJ, 1944), magistrado; ministro do STF de 1917 a 1937.

26 Carlos Peixoto de Melo Filho foi um político brasileiro. Trabalhou como juiz municipal em Ubá. Foi deputado federal por Minas Gerais de 1903 a 1911 e 1915 a 1917. Foi eleito presidente da Câmara dos Deputados em 1907 e 1909. Foi atuante na Campanha Civilista de Rui Barbosa.

*brilhantíssimo, e muitos outros. Eu fiquei enamorado da turma de meu pai, porque meu pai contava as coisas de São Paulo para mim. Então fiquei enamorado da turma, e, quantas vezes, pessoas que tinham sido colegas dele vieram para o Rio mais tarde, na madureza de sua idade, essas pessoas já eram Ministros do Supremo Tribunal...*

MIS— Ocuparam posições importantes na política e na vida social.

VIANNA — *E quando vinha um despacho em que Fulano funcionou, eu ficava entusiasmado por ter sido colega de meu pai. Agora, se eu fosse me estender, esta entrevista não dá. A respeito mesmo de antes de eu entrar na música, isso não dá.*

MIS — Apenas uma pergunta: que música era essa que sua mãe tocava ao piano e que lhe embalava? O Sr. tem alguma recordação do que ela tocava?

VIANNA — *Ah, tenho: ela tocava algumas valsas, alguns xotes...não era música de importância.*

MIS — Era música de salão da época? Do piano familiar?

VIANNA — *Não era nem bem música de salão porque tinha aqueles arranjos de ópera... ela tocava música simples. Por exemplo Paulistana era uma valsa de que eu me lembro até hoje. Eu seria capaz hoje de reproduzir a Paulistana e, mais tarde, minha mãe abordou também aquelas valsas de Clemir.*

MIS — Sei, Francês, da “Belle Époque”...

VIANNA — *Aquilo foi muito espalhado e tocado no Brasil...*

MIS — Mas seu pai chegou a estudar música ou ele apenas tocava de ouvido?

VIANNA — *O meu pai foi discípulo amado do João Gomes de Araújo*<sup>27</sup> [pausa]. *Ele foi chamado várias vezes, depois de formado e de residir em Itajubá, para tomar parte em audições de canto do João Gomes de Araújo, no clube Germania, em São Paulo. Papai, como amador de canto, cantava um repertório que era o repertório da época, era o Paolo Tosti. O Ideal, de Tosti, muito bonita, Non t'amo più e outras Romanzas de Tosti. Como também cantava algumas árias de ópera: A Africana de Meyerbeer; Celeste Aida papai cantava*<sup>28</sup>. *Agora tocar também tocava e com muito bom gosto! E eu não quero terminar essa parte de família da entrevista sem render uma homenagem ao espírito do meu pai de ter me acompanhado, alimentado a minha vocação. Papai alimentou minha vocação! No começo, ele mais ou menos tinha essa idéia de me fazer noutra profissão, que eu seguisse uma profissão mais rendosa, porque ninguém vivia de música, nessa época. Mas eu teimei e ele acedeu e me mandou para o Rio.*

MIS — Quando ele lhe mandou para o Rio, Professor?

VIANNA — *Eu vim para o Rio, a primeira vez, para estudar mesmo, em 1912. Já estava velho, já... Mas isso ainda está na parte da família. Agora eu vou entrar na parte mais ou menos profissional.*

MIS — Os primários você fez lá em Itajubá?

VIANNA — *O ginásio também. Itajubá teve também o seu Ginásio que foi equiparado aqui ao Ginásio Federal e foi um colégio cuja fundação [procurando achar o termo] teve muita repercussão. Tanto que tínhamos lá colegas que vieram do Amazonas, São Paulo, Minas... O Diretor desse Ginásio acabou fundando o Instituto Eletrotécnico e Mecânico de Itajubá que hoje é a Escola de Engenharia.*

MIS — O Sr. passou nele até que idade? E que formação ele teve?

---

27 João Gomes de Araujo, nasceu em 5 de agosto de 1846 na cidade de Pindamonhangaba e faleceu em São Paulo em 8 de setembro de 1944. Estudou no Rio de Janeiro e em Milão. Foi um dos fundadores do Conservatório de São Paulo, onde ensinou até idade avançada. Dentre suas composições temos Operas: *Edmeia; Maria Petrowna; Helena; e Carmosinha*. Esta última obteve algum êxito em Milão no Teatro dal Verme (1888). Dentre outras obras temos 6 sinfonias, 2 poemas sinfônicos e 12 missas.

28 De acordo com o repertório mencionado acima, possivelmente o pai de Frutuoso Vianna era Tenor de voz forte e encorpada, podendo ser classificado como: tenor lírico; tenor spinto, ou tenor dramático.



VIANNA — *Escuta, eu estava no Colégio quando se deu a reforma Rivadávia Corrêa<sup>29</sup>, 1911, então eles acabaram com o negócio de Ginásio, que então ia só até o 4º ano. O Ginásio passou a ter 6 anos. Depois o indivíduo ia estudar num preparatório.*

MIS — E o Sr. estudou esse preparatório onde? Mesmo em Itajubá?

VIANNA — *Eu não fiz curso preparatório para o ensino superior porque o Instituto Nacional de Música não exigia isso. Apenas um exame de suficiência em Português e Matemática, mas assim, vamos dizer, meio elementar.*

MIS — Quem determinou essa sua entrada para o INM? Foi o Sr., por livre vontade, ou foi seu pai que o conduziu a isso?

VIANNA — *Não, fui eu mesmo.*

MIS — Disse à família que queria fazer o Instituto?

VIANNA — *Eu vim para o Rio em 1912. Em 1913, fiz exame para o curso do Henrique Osvaldo<sup>30</sup>, que era professor catedrático, tinha curso oficial e havia o curso privado.*

---

29 Rivadávia da Cunha Correia, (Santana do Livramento, 1866 — Petrópolis, 1920). Formado na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1884. Redigiu com Raul Pompéia e Coelho Neto, o jornal "A Onda". Colaborador efetivo do "Correio Paulistano" até 1887. No governo Hermes da Fonseca foi Ministro da Justiça e Negócios Interiores (1910 — 1913). A lei Rivadávia Corrêa, ou Reforma Rivadávia Corrêa, foi implementada em 5 de abril de 1911 pelo decreto nº 8659. A Reforma adotava a descentralização e desoficialização do ensino no país, retirando da União o monopólio de criação de instituições de ensino secundário e do ensino superior. Ou seja, as escolas secundárias e do ensino superior, perderiam seus status de oficiais, e passariam a ser entidades corporativas autônomas. Permitindo também a criação de universidades pela iniciativa privada. No âmbito do ensino de línguas a lei reduziu o número de anos de estudos das línguas clássicas (Latim e Grego), e o mesmo ocorreu em proporção menor para o ensino de línguas modernas (Francês, Inglês e Alemão).

30 Henrique Osvald, compositor brasileiro, descendente de suíços, nasceu no Rio de Janeiro em quatorze de abril de 1852 e faleceu na mesma cidade em 9 de junho de 1931. Estudou em Florença com Graziani e Buonamici, e obteve o primeiro prêmio no concurso instituído pelo jornal francês *Le Figaro* com a peça *Il neige* ("Está nevando"), de caráter pré-impressionista. Foi diretor do Instituto Nacional de Música. Como compositor desenvolveu sua técnica em Noturnos, Romances (para piano), compôs uma sinfonia, concertos para piano e violino, uma suite e três óperas: *A cruz de ouro*; *O destino*; e *O novato*. Foi professor de Luciano Gallet, Lorenzo Fernandez e Frutuoso Vianna.

MIS — O Sr. saiu de Itajubá portanto com o firme propósito de estudar música no Rio?

VIANNA — *Sim, Sr.*

MIS — E sua vida escolar aí no Instituto? Quanto tempo?

VIANNA — *Foi a mais irregular possível. De acordo com a minha idade [risos]. O indivíduo sai de Minas e cai aqui no Rio de Janeiro, como é que é?!... Então eu me matriculei no 5º ano, tirei o 1º lugar nesse concurso. Ainda me lembro de uma Dona Emília que tinha lá uma inspetora de alunos, a D. Emília de cabelos brancos...muito interessante ela.*

MIS — Você lembra do repertório que tocou nesse concurso em que tirou 1º lugar? O de admissão?

VIANNA — *Repertório, não: era uma peça de confronto, uma livre escolha. Eu lembro só que tinha uma Sonata de Haydn, em Mi bemol [cantarola].*

MIS — Ficou na classe de Henrique Oswald até terminar o curso? Com o mesmo professor?

VIANNA — *Isso foi em 1913, né, mas no fim do ano, meu pai já veio aqui no Rio e viu no quadro— negro, “l’affiche”, quer dizer, o resultado das coisas que estavam se passando, e viu meu nome lá: “Fructuoso de Lima Vianna, ah, expulso? Não, não é bem expulso, rejeitado por faltas”.*

MIS — Quer dizer que por faltas você deixou de frequentar a escola?

VIANNA — *Deixei de frequentar, mas por doença.*

MIS — O que houve, Professor?

VIANNA — *O que houve comigo foi o que houve com o Villa-Lobos, em 1922, na Semana de Arte Moderna. O Villa estava com uma espécie de ácido úrico no pé e não podia andar. Mas ele era Villa-Lobos e no pé dele, ele talvez tivesse um pé de Pelé, porque ele foi para o palco com o pé doente, envolto numa gaze muito comprida e tudo... até aqui*

assim, no meio da perna. E eu com o ácido úrico lá, não tive coragem de me calçar e vir de Vila Isabel, onde eu morava, na casa de um primo meu. De maneira que eu faltei no Instituto. E o Villa-Lobos atravessou a Semana de Arte Moderna com o pé...

**...Mas ele era Villa-Lobos e no pé dele devia ter um grande Pelé...**



Figura 4 - Ao querido Fructuoso, frutuosamente, de seu bom amigo velho. São Paulo, 26/7/93 I. Villa-Lobos (Acervo FV).

MIS – Mas você poderia ter justificado essas faltas na escola, não?

VIANNA – *Mas eu não tinha cabeça ainda para isso.*

MIS – Em que ano você terminou o curso na escola?

VIANNA – *Á eu saí da escola, fui para Itajubá, passei o ano lá, depois voltei aqui em 1917. Porque nesse meio tempo, meu pai tinha outro filho que estava na América do Norte, como pensionista do Estado*

de Minas. Acontece que, no fim de 2 ou 3 ou 4 anos – eu não me lembro bem – o meu irmão não tinha mais a pensão. A pensão foi cortada por falta de verba, essas coisas todas. Meu pai teve que suprir meu irmão lá. Então não podia ter dois filhos fora de casa, um na América, outro no Rio, não é? Então fiquei esperando meu irmão voltar da América. E, em fevereiro de 1917, ele voltou e eu, em março, entrei no 7<sup>o</sup> ano do Instituto.

MIS – Entrou novamente no Instituto, classe de Henrique Oswald?

VIANNA – *Também. Mas, daí, classe privada com o Oswald. As aulas eram à tarde.*

MIS – Com o Oswald você terminou o curso desta vez?

VIANNA – *Terminei o curso.*

MIS – Em que ano?

VIANNA – *O exame final foi feito em 1918, eu não me lembro bem. Agora, em 1919, eu fiz concurso à medalha de ouro e tirei medalha de prata. O Francisco Braga, que estava na mesa, me disse o porquê: é que acrescentei à fuga de Bach, que tinha que tocar, uma cadência minha [risos].*

MIS – O que era profundamente revolucionário, na época, não é?

VIANNA – *...E todo mundo riu no Teatro Municipal e o Braga disse: “por causa dessa cadência você perde a medalha de ouro!” [risos].*

MIS – E quem ganhou a medalha de ouro? Qual foi o concorrente seu?

VIANNA – Ali não era... (comentário do entrevistador: Não foi dada a medalha?) Não foi... Não! Acho que foi... Eu me lembro de um concorrente chamado Horta, não sei se você ouviu falar<sup>31</sup>.

---

31 Neste momento é gerada a dúvida sobre se houve um concorrente que conseguiu a medalha de ouro neste concurso ou não. É comum a prática em concursos de Música a não atribuição do primeiro prêmio, por decisão da banca, caso nenhum dos concorrentes atinja o nível almejado pela banca. Porém Vianna parece se lembrar de um nome, que segundo o áudio, após realizarmos pesquisas sobre tal pianista não obtivemos sucesso.

– Não.

VIANNA – *Ele é de Pernambuco. Depois a gente se encontrou em Paris. E a Maria do Carmo Monteiro da Silva que é casada com aquele rapaz que canta...*

– Cândido Botelho, pianista de São Paulo.

– E durante sua permanência no Rio, você teve atividades ligadas à música, nessa época de estudante? Tocou em alguns lugares ou participou de acontecimentos?

VIANNA – *...Toquei. Eu tenho aqui um roteirozinho [pega um papel]. Olha, em 1917, executei o Papillons de Schumann, no Teatro Municipal, num exercício prático do Instituto.*

MIS – Quer dizer que o Instituto fazia exercícios práticos no palco do Municipal? Que beleza, não é?

VIANNA – *Tem aqui, olha, 1918, Polonaise em Lá bemol, de Chopin, Teatro Municipal, exercício prático, outra vez. Não está escrito aqui mas eu faço questão: em 1919, isso faço questão de dizer e não está escrito aqui no roteirozinho, o Oscar Guanabario<sup>32</sup>, crítico do Jornal do Comércio, organizou uma audição de pessoas que ele achava que estavam se salientando no curso de música do Instituto: Heloísa Acioli, Jacira Amorim...*

– Mãe do Fernando...

VIANNA – *É; Edmundo Nogueira da Gama, alunos brilhantes da escola foram arregimentados pelo Guanabario, para dar uma audição especial para mostrar a escola de piano do Rio de Janeiro. Sabe quem era o homenageado aí? Era o Eduardo Riesler<sup>33</sup>.*

---

32 Oscar Guanabario de Sousa Silva, nasceu em Niterói em 1851 e faleceu no Rio de Janeiro em 1937. Foi um crítico de arte, músico e dramaturgo brasileiro. Sua introdução no mundo jornalístico foi favorecido pela influência de seu pai Joaquim Norberto de Sousa Silva. Trabalhou nos jornais *O Paiz* e no *Jornal do Commercio*.

33 Joseph-Edouard Risler, conhecido como um grande pianista francês, apesar de ter nascido em Baden-Baden na Alemanha, em 23 de Fevereiro de 1873. Faleceu em Paris em 22 de Julho de 1929. Estudou no Conservatório de Paris entre os anos de 1883 e 1890. Participou de várias estreias, bem como também tocou o repertório alemão antigo, como as 32 sonatas de Ludwig Van Beethoven, além de obras completas de Chopin e peças para Cravo de Johann Sebastian Bach.

– O grande pianista!

VIANNA – *O grande intérprete de Beethoven. Que eu não vi maior até hoje. Não esqueci disso pelo seguinte: porque depois que eu fiz aquele negócio, fomos cumprimentar o Rislér e ele apertou minha mão e senti uma mão musculosa, formidável a mão dele. Eu acho que não houve mesmo, depois do Eduardo, um grande intérprete. Nem Schnabel*<sup>34</sup>.

MIS – Foi o primeiro pianista a tocar as 32 sonatas de Beethoven. Hoje em dia é um feito que todos os jovens fazem. O professor está dizendo que nem Schnabel, hem!

VIANNA – *Eu vi Schnabel. Ele era muito delicado para essas coisas.*

MIS – O outro era um Beethoven mais dramático. Professor, e no ano de 1919? É um fato importante na sua vida, é o conhecimento com Villa-Lobos, não é?

VIANNA – *Levado por Newton à casa de Villa-Lobos.*

MIS – O Sr. não o conhecia até então? E o relacionamento?

VIANNA – *Não, eu conhecia o Villa-Lobos de nome e encontrei o Homero Barreto*<sup>35</sup>...

MIS – Que também era grande amigo do Villa, não é?

VIANNA – *Grande amigo do Villa e o Villa grande amigo dele. O Villa só falava no Homero Barreto. Eu encontrei o Homero na rua e ele disse que vinha vindo de uma audição do Villa, no Jornal do Comércio.*

---

34 Artur Schnabel, pianista e compositor austriaco, nasceu em Lipnik em 17 de abril de 1882, e faleceu em Axenstein em 15 de agosto de 1951. Estudou com Leschetizky. Tocava Schubert com expressividade lírica e Beethoven com intensidade e grande força visionária. Entre suas composições temos sinfonias e quartetos de cordas.

35 Homero de Sá Barreto, nasceu em Cravinhos em 25 de março de 1884, faleceu no Rio de Janeiro em 02 de dezembro de 1924. Foi compositor, professor e pianista. Sua primeira formação era na área de Humanidades. Posteriormente estudou no Rio de Janeiro no Liceu de Artes e Ofícios, e no Conservatório Livre de Música. No Instituto Nacional de Música teve aulas de piano com Alfredo Bevilacqua e de harmonia com Frederico Nascimento. Abandonou o instituto por problemas de saúde. Em 1917 foi nomeado professor de canto do Instituto Nacional de Música. Entre suas composições destacam-se a ópera *Jati*, o poema sinfônico *Fiat Lux*, a *Suite Antiga*, para orquestra, o *Trio* para violino, violoncelo e piano, *Moto Perpetuo*, para violino e piano, a *Missa Pro Defunctis*, e as canções *Amor! Desengano* e *Arabescos*; *Canção Russa*; e o *Lamento Noturno* para piano.

*Olha, eu falei, se soubesse teria ido também. Eu não sabia, tinha sido uma audição à tarde e veio muito entusiasmado o Homero Barreto.*

MIS – Com o Villa?

*VIANNA – Com as músicas do Villa-Lobos. Isso foi mais ou menos em 1914. Em 1919, foi quando fui levado ao Villa-Lobos, na casa nº 10 da rua Didimo. Numa vila que hoje parece que estão fazendo uma reforma, atrás do corpo de bombeiros, na Praça da República. Atrás dá para a Rua do Senado e a Rua do Senado vira Didimo.*

MIS – Villa Lobos morava lá nessa época? Em 1914, o Sr. não esteve com Villa-Lobos, mas só em 1919?

*VIANNA – Levado por Newton Pádua<sup>36</sup>. na casa do Villa Lobos. E logo aí começamos a estudar um Trio de Villa-Lobos, o nº 2. Que preparamos para este mesmo ano, mais ou menos em novembro, no Teatro Municipal. Um concerto de composições dele.*

MIS – Talvez o primeiro concerto com obras do Villa-Lobos...

*VIANNA – Não, o Homero Barreto já tinha ouvido as canções de câmara. Eu acho até foi a primeira audição desse trio, agora o Museu Villa Lobos deve ter isso. Não consegui guardar, só na lembrança.*

---

36 Newton de Menezes Pádua, professor e violoncelista brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro em 03 de novembro de 1894 e faleceu em 02 de junho de 1966 na mesma cidade. Foi integrante de grupos musicais como o Trio Beethoven, Quarteto de Laureados, Trio Brasileiro. Foi um dos fundadores da Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Atuou como regente de orquestras no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Como compositor encontramos obras sinfônicas e de câmara como a ópera *A Lenda do Irupê*, o episódio lírico *Branca Dias*, a *Sinfonia em Sol Menor*, a *Suite Sinfônica*, os *Prelúdios Sinfônicos*, *Canção e Dança* para violoncelo e orquestra. *Suite Auriverde*, para orquestra de cordas, *Poemas Sinfônicos* (*São Paulo e Anchieta*), *Trio em dó menor*, dois quartetos de cordas e uma sonata para piano.



Figura 5 - *Pour mon neuf ami Fructuoso avec toute l'affection de Arthur Rubinstein. Rio, 12/7/51* (Acervo FV).

MIS — Nós estamos em 1919 e você se recorda da primeira visita de Rubinstein<sup>37</sup> ao Brasil? Está ligado a você e ao Villa, e há um fato importante a ser documentado.

VIANNA — *Eu recordo. O Rubinstein veio ao Rio, em Maio de 1918. Era a primeira visita. Ele dizia que tinha 26 anos; eu penso que confirma.*

MIS — Era a sua idade, não é?

VIANNA — *Dezoito e quatro, vinte dois. O Rubinstein apareceu aqui pela primeira vez, vindo da Espanha, onde ele foi hóspede do Rei*

---

37 Arthur Rubinstein, nasceu na cidade de Łódz em 28 de janeiro de 1887 e faleceu em Genebra em 20 de dezembro de 1982. Pianista polonês, judeu, porém naturalizado estadunidense. É reconhecido como um dos melhores pianistas virtuosos do século XX. Seu primeiro concerto em público foi aos 6 anos de idade. E aos 8 anos ingressou no Conservatório de Varsóvia, onde teve aulas com Paderewski e Ludomir Rózycki. Estudou em Berlim com Heinrich Barth. Solou frente a Orquestra de Filadélfia em Nova Iorque no ano de 1906. Em Paris atua como professor de piano. Conhece Villa-Lobos em 1919, e ficou interessado em suas composições, tornando-se o responsável por divulgar a obra de Villa-Lobos que, em sua homenagem escreve *Rudepoema* (1926). Rubinstein interpretou também composições de seu amigo Karol Szymanowski e de Stravinsky tocou os *Três Movimentos de Petruschka* (1921), obra considerada como a mais difícil para piano de Stravinsky.



Afonso XIII<sup>38</sup> e conheceu a Espanha de Albeniz<sup>39</sup>, de De Falla<sup>40</sup>. Ele foi considerado o maior intérprete de música espanhola na ocasião e aqui tocou tudo. Sabe quantos concertos ele deu no Rio? Treze! Onze no Municipal e mais dois no Teatro Lírico. Ele foi para São Paulo, descobriu um piano Steinway lá que depois foi pertencer a uma amiga minha lá das Perdizes (que eu morei nas Perdizes, em São Paulo). Nesse piano eu toquei muitas vezes. Ele descobriu esse piano Steinway formidável e mandou pôr no Teatro Lírico e deu mais dois concertos com ele. Essa foi a primeira vez que ele esteve aqui. A segunda vez, eu penso que foi em 1922, quando ele nos recebeu a mim, ao Villa-Lobos, ao Newton Pádua e ao Mário Ronchini.

MIS – Quando e onde isso?

VIANNA – No Palace Hotel.

MIS – Aqui no Rio, em 1918?

VIANNA – Eu não lembro bem, acho que foi a segunda vez que ele esteve aqui.

MIS – Entre 18 e 22?

VIANNA – Dessa outra vez que ele veio, nós fomos convidados a fazer uma audição para o Rubinstein ouvir a música do Villa-Lobos.

MIS – O primeiro contato do Villa e o Rubinstein?

VIANNA – Então toquei aquele Trio, que eu tinha tocado no Municipal, com o Rubinstein me virando as páginas. E ele me disse assim:

---

38 Afonso León Fernando María Jaime Isidro Pascual Antonio de Borbón y Habsburgo-Lorena, nasceu em 17 de maio de 1886 em Madrid, e faleceu em Roma no dia 28 de fevereiro de 1941. Foi o rei da Espanha do dia em que nasceu (Maria Cristina da Áustria serviu como regente até Afonso atingir a maioridade) até 1931 (quando abdicou ao trono em favor de seu filho Infante João de Bourbon e Battenberg)

39 Isaac Albéniz, nasceu em Camprodón em 29 de maio de 1860 e faleceu em 18 de maio de 1909. Foi um pianista, compositor e dramaturgo espanhol. Entre suas principais obras estão: *Suite Ibérica*; *Asturias*; *Pepita Jiménez*; *Tango in D major, Op. 165 n° 02*; *Sevilla, Op. 47 n° 03*.

40 Manuel de Falla y Matheu, nasceu em Cádiz em 23 de novembro de 1876 e faleceu em alta Gracia, em 14 de novembro de 1946. Foi um pianista e compositor espanhol. Sua principal obra é uma ópera em um ato *La vida Breve*, a qual escreveu em 1905, porém foi revisada antes da estreia em 1913.

— “Estou admirado que você está tocando todas as notas!”. Outra coisa que ele me disse engraçada. Essa não é engraçada; é boa para mim; ele disse assim pro Villa Lobos: depois de ouvir o quarteto que tem o nome de Pipoca<sup>41</sup>. Tem um tempo desse quarteto que é todo pizzicato e o Villa-Lobos deu o nome de Pipoca [cantarola]. Então ele disse que se ouvisse mais uma vez esse quarteto, seria capaz de tocar no piano, inteiro. Eu achei isso engraçado pois seria uma façanha. Outra coisa que ele disse também e isso me satisfez muito, ele disse ao Villa-Lobos: — “Tenho viajado o mundo inteiro. Ultimamente estive no México, conheci países e tudo, mas nunca vi uma pessoa como você, tão talentosa” e tudo o mais. Ele achava que o Villa-Lobos seria um grande compositor; talvez o maior do mundo naquela ocasião.

MIS — Uma profecia do Rubinstein, não? Nesse encontro foi tocada também a obra para piano, a *Prole do Bebê*?

VIANNA — Não, nesse encontro só tocamos o quarteto e o trio o *Quarteto das Pipocas* e o “Trio n° 2”, que eu tinha estudado na casa do Villa-Lobos para tocar no Teatro Municipal, a que eu já me referi.

MIS — Numa ocasião você me contou alguma coisa relacionada a esse fato e eu creio que a audição se deu no próprio quarto do Rubinstein, não, onde tinham colocado um piano?

VIANNA — ...e o Villa-Lobos fumava charuto, o quarto estava fechado, o Rubinstein também fumava charuto. E eu ali não fumava nada (risos) e chupava a fumaça pelo nariz, né... (risos).

### **...E EU ALI NÃO FUMAVA NADA E CHUPAVA A FUMAÇA PELO NARIZ, NÉ...[RISOS]**

MIS — Qual foi a sua impressão pessoal do Rubinstein, nessa época, professor, aos 26 anos de idade?

---

41 Aqui refere-se ao *String Quartet n° 03* (1916) de Villa-Lobos. Mais precisamente ao segundo movimento, em que se realizam muitos pizzicatos e o som assemelha-se ao de pipocas estourando.

VIANNA — *Magnífica! Já que o Sr. buliu nesse caso, eu vou lhe contar. Eu fui assistir ao Rubinstein na sua estreia, no Teatro Municipal, ao lado do meu mestre Henrique Osvaldo (sic). O Henrique Osvaldo era uma espécie assim de, vamos dizer, sacerdotisa (sic), que falava as coisas e a gente...*

*Então ele disse assim: “– Trata-se de um grande pianista!”. Quando ele fez assim: tararãããã (cantarola a Tocata em ré menor de Bach), o Osvaldo virou pra mim e disse: “– Grande pianista!”, logo de saída. Eu não sei qual seria a idade de Henrique Oswald, em 1918, você sabe?*

MIS — Não<sup>42</sup>.

VIANNA — *O fato é que nós não tínhamos elevador no Teatro Municipal. Então o Henrique Osvaldo deu uma carreira para baixo e eu fui atrás. Eu era mocinho mas ele era já...Ele estava vibrando; ele era assim nervosinho para fazer as coisas dele e foi dizendo: “– Nunca vi, nunca vi!”. Assim: o maior de todos. Agora, o Rubinstein teve uma grande repercussão, no mundo inteiro, nessa época, e aqui no Rio nem se fala. As moças só faltavam jogar seus mantôs para cima dele (risos).*

### **...Toquei Nazareth para marinheiro.**

MIS — Vamos: então: em 1919, houve o concurso a que o Sr. se referiu, não é? E em 1920?

VIANNA — *...Viagem do Rei da Bélgica!*

MIS — Isso é importante.

VIANNA — *Você acha importante?*

MIS — Acho porque você foi agraciado pelo Rei Alberto <sup>143</sup>, e é importante que fique documentado.

---

42 Oswald tinha 66 anos.

43 Alberto Leopoldo Clemente Maria Meinrad nasceu em Bruxelas (Bélgica) em 8 de abril de 1875 e faleceu em Marche-les-Dames (Bélgica) em 17 de fevereiro de 1934. Conhecido como o Rei dos Belgas, e famoso por liderar o exército belga durante a invasão alemã na Primeira Guerra Mundial, e ao final da guerra tornou-se comandante dos Flandres (divisões belgas, britânicas e francesas). Visitou o Brasil em 1920, e influenciou a criação da companhia Belgo Mineira um ano mais tarde.

VIANNA — As razões são as seguintes: o Newton Pádua era um músico sério, muito bom; muito bom amigo, de muito valor e tinha uma certa influência no meio estudantil da escola...

MIS — ...Era um líder.

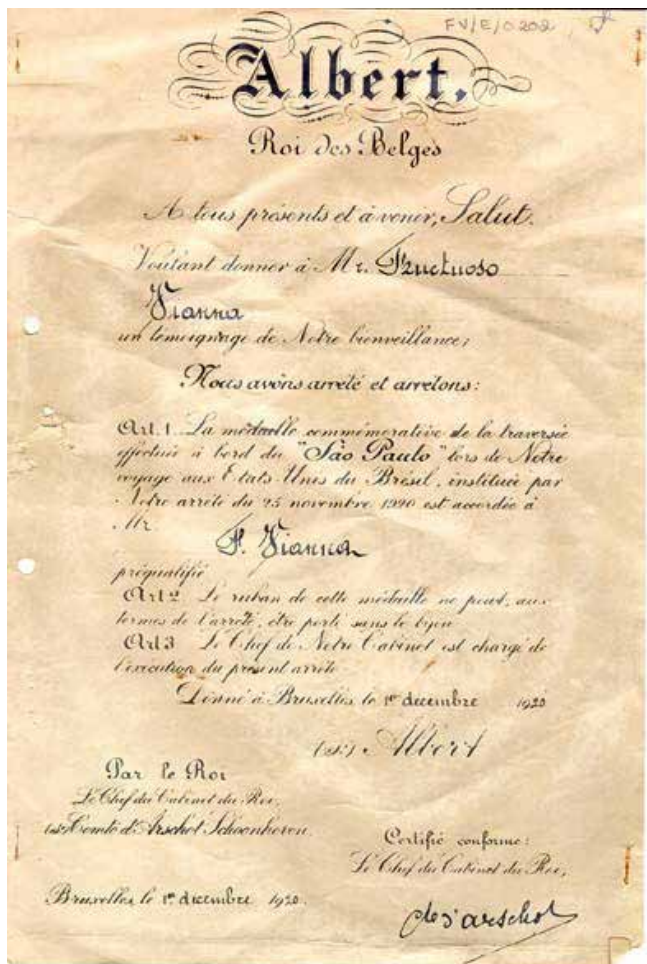


Figura 6 - Documento da condecoração por Albert I, em 1 de dezembro de 1910 (Acervo FV).

VIANNA — De maneira que um dia ele chegou pra mim e disse:

— “Olha, nós vamos para a Europa”.

– *Que negócio é esse?*

– *“Vamos representar a música brasileira na viagem do Rei da Bélgica”.*

*Ele contou isso e eu caí. E o Mário Ronchini<sup>44</sup> não queria ir não.*

MIS – O violoncelista.

VIANNA – *Não, o violinista. Mas foi, acabou indo. O Abdon Milanez<sup>45</sup> era diretor do Instituto. Então nos levou ao Itamaraty<sup>46</sup> e o Ministro das Relações Exteriores era o Azevedo Marques<sup>47</sup>, que tinha sido pianista (risos). Olha onde é que estava a viagem com o Rei da Bélgica aí! Ele tinha sido pianista e ainda nos contou esse fato:*

– *Eu, quando era pianista e dava uns concertos no Interior, eu levava a chave para afinar os pianos.”*

MIS – E como se processou a viagem?

VIANNA – *Nós fomos então escolhidos pelo diretor da Escola Nacional de Música<sup>48</sup>. Indicação oficial do Diretor, mas, intramuros, um pouco de indicação do Newton (Pádua) pois o diretor nunca tinha me ouvido, nem ao Vasseur, mas o fato é que nós fomos.*

MIS – E o grupo que foi? Você poderia dar nomes?

---

44 Mário Ronchini violinista que integrou o quinteto que tocou para o Rei Alberto I.

45 Abdon Felinto Milanez nasceu na cidade de Areia (PB) em 10 de agosto de 1858 e faleceu no Rio de Janeiro em 01 de abril de 1927. Cursou Engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi diretor do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro (1916-1923). Foi membro efetivo da Comissão de Propaganda e Expansão Econômica do Brasil na Europa. Como músico desenvolveu um trabalho como compositor, pianista e teatrólogo. Entre suas obras mais importantes podemos citar as operetas *Donzela Teodora* e *A chave do Inferno*, e a ópera *Primizie*, em um ato; além de *Hino da Abolição* e *Hino do Estado da Paraíba*.

46 Itamaraty é o Ministério das Relações Exteriores do Brasil. É um órgão do Poder Executivo. Tem a responsabilidade de assessorar o Presidente da República em suas relações com outros países e organizações internacionais.

47 José Manuel de Azevedo Marques nasceu em São Paulo em 19 de fevereiro de 1865 e faleceu na mesma cidade em 24 de maio de 1943. Foi ministro das Relações Exteriores no Governo de Epitácio Pessoa, de 1919 a 1922.

48 A Escola Nacional de Música foi fundada em 1841 por Francisco Manuel da Silva com o nome de Conservatório de Música do Rio de Janeiro. Com a República, torna-se Instituto Nacional de Música. Em 1926, passa a fazer parte da Universidade do Brasil.

VIANNA — *Era um quinteto: o 1.º violino era o Mário Ronchini, o 2.º era o Augusto Vasseur<sup>49</sup>, a viola o Gualter Lutz<sup>50</sup>, filho do Adolfo Lutz que era diretor do Manguinhos [Instituto Bacteriológico]; o violoncelo era o Newton de Pádua.*

MIS — E você no piano. E passaram quanto tempo na Bélgica?

VIANNA — *Não! Nós fomos buscar o Rei!*

MIS — Foram a bordo do Cruzador...

VIANNA — *Fomos buscar o Rei com música e o trouxemos com música (risos); e outra coisa: um fato que pode ou não ser interessante. Para mim foi. Pelo seguinte: em 1920, a Marinha não usava uniforme de Jaquetão, mas o brasão d'armas esticado assim no pescoço. Nessa ocasião, eles aproveitaram que o Brasil tinha que gastar muito dinheiro com a viagem do Rei e mudaram o uniforme. A Inglaterra é que dava os padrões de uniforme de marinheiro; então os oficiais passaram a usar jaquetão com gravata, nessa época. É um fato que não tem nada a ver com a música, mas eu estava lá e vi e sou músico — a única relação é essa.*

MIS — E o piano de bordo era bom?

VIANNA — *Eu comprei um Steinway aqui na casa Arthur Napoleão<sup>51</sup> para o Rei. Mas nós tínhamos três pianos: o Steinway que ficou no salão da Rainha; uma pianola na sala de armas dos oficiais e tinha um na cobertura dos marinheiros, onde toquei Nazareth para marinheiro. O que você acha disso?*

---

49 Augusto Teixeira Vasseur nasceu no Rio de Janeiro em 3 de setembro de 1899 e faleceu na mesma cidade em 8 de dezembro de 1969. Foi um músico brasileiro, pianista, violinista e compositor.

50 Gualter Adolpho Lutz, segundo filho de Adolpho e Amy Lutz. Nasceu na cidade de São Paulo em 3 de maio de 1903 e faleceu em 5 de junho de 1969. Morou em Paris durante a Primeira Guerra Mundial, e trabalhou como tradutor no Instituto Oswaldo Cruz (1922-1927). Formado em medicina, era também um cirurgião dentista. Amante da música, ganhou prêmios como violinista.

51 Arthur Napoleão dos Santos, nasceu na cidade do Porto em 6 de março de 1843 e faleceu no Rio de Janeiro em 12 de maio de 1925. Foi um pianista, compositor e editor de partituras musicais, professor e comerciante lusobrasileiro. Em 1866, fundou a Casa Arthur Napoleão, onde comercializava e editava partituras, além de vender instrumentos musicais. Como compositor podemos destacar entre suas principais obras: *Camões* (orquestra e banda); *L'Africane* (piano e orquestra); *A Brasileira* (piano); *Se Tu Me Amasses* (voz e piano). Um fato curioso é que Arthur foi professor de Chiquinha Gonzaga.

MIS – Muito bom! Marinheiros brasileiros do “Cruzador São Paulo”...

VIANNA – O “Encouraçado São Paulo” <sup>52</sup>foi buscar o Rei da Bélgica, em 1920...

MIS – Aonde na Bélgica?

VIANNA – Em Brugges, perto de Bruxelas.

MIS – É sabido que a Rainha Elisabeth<sup>53</sup> sempre foi uma grande apaixonada pela música; prova é a fundação dos famosos concursos...

VIANNA – Ela trazia uma caixa com música, com um repertório todo bem tratadinho, encapado direitinho e tinha um violino Guadagnini<sup>54</sup> que é um grande luterista italiano e ela gostava muito de música clássica.

MIS – E ela se interessava vivamente pelas audições do grupo?

VIANNA – As audições se restringiam quase que sempre à hora do jantar. Hoje o pessoal está fazendo isso nas boates para as pessoas comerem, né? [risos]. Mas a Rainha, às vezes, nos chamava para fazer música com ela e então ela vinha, trazia o seu violino e tive a honra de acompanhá-la em sonatas clássicas.

MIS – A rainha tocava direito o violino? Ela foi aluna de Ysaye<sup>55</sup>, famoso mestre belga. O Sr. se sentiu bem acompanhando uma Rainha? (risos).

---

52 Encouraçado São Paulo, navio de guerra do tipo Dreadnought, serviu a Marinha do Brasil no início do século XX. Pertencia à classe de Minas Gerais. Foi lançado ao mar em 19 de abril de 1909. Seu primeiro capitão fora Francisco Gavião Pereira Pinto, que logo foi substituído por Francisco Marques Pereira de Souza. Participou de eventos históricos como a Revolta da Chibata em 1910; Bombardeio em Salvador, na chamada Política das Salvações em 1912; patrulhou as águas territoriais brasileiras durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918); entre outras atividades, transportou os monarcas da Bélgica em 1920.

53 Isabel da Baviera, Rainha dos Belgas nasceu em Possenhofen em 25 de julho de 1876 e faleceu em Laeken em 23 de novembro de 1965. Esposa de Alberto I. Após o falecimento de seu marido, ela dedicou-se às artes, criando em 1937 o Concurso Musical Eugène-Ysaye que, em 1950, começou a ser denominado Concurso Internacional de Música Rainha Elisabeth da Bélgica.

54 Guadagnini, família italiana de luteristas: Lorenzo (1685– 1746), Giovanni Battista (1711– 1786), Giuseppe (1758– 1806) e Carlo (1768– 1816).

55 Eugène Ysaye, nasceu em Liège em 16 de julho de 1856 e faleceu em Bruxelas em 12 de maio de 1931. Músico belga, violinista e compositor, fora também chefe da orquestra belga.

VIANNA — *Eu me senti meio nervoso...mas ela era muito simpática e muito democrática.*

MIS — E o Rei?

VIANNA — *Também muito democrata. A primeira coisa que fez foi deixar o pessoal livre da etiqueta de se levantar por onde ele passasse; acabou com isso. Ele fazia esporte, aquele cabo de guerra, e, nessa hora, ele se descalçava e, você sabe, em navio de guerra tem sempre aquele pó de carvão, moinho de carvão, como eles chamam, e ficava com o pé preto, ele era alvo<sup>56</sup>, o pé dele era muito alvo e...calçava a meia do mesmo jeito, sem lavar o pé, sem nada [risos].*

MIS — Bem professor, quer dizer então que o Sr. não deu nenhum recital para o casal real, não é, tocava com a rainha e nos jantares?

VIANNA — *Eu dei um recital todo particular, especial para a Condessa de Caraman-Chimay,<sup>57</sup> que vinha junto, e a rainha. É o seguinte: pode parecer que estou querendo me exibir..*

MIS — Nós aqui temos que documentar os fatos relativos às suas atividades.

VIANNA — *O fato é esse: o piano ficava na sala dos oficiais chamava-se “Praça de Armas” dos oficiais. Esse piano era muito bom, não como aquele que comprei na casa Arthur Napoleão. Então eu costumava estudar lá, à noite, porque o pessoal, às vezes, tinha sessão de cinema lá em cima e subia todo mundo e eu ficava sozinho tocando piano. Um dia estava estudando um Noturno op. 27 n. 1, em dó sustenido menor...*

MIS — Chopin...

VIANNA — *Quando olho assim, estão a rainha e a condessa me escutando. A rainha virou para mim e disse: — “Vous jouez très bien!”. Ai ela chegou mais perto, eu convidei, ela sentou e dei uma audição*

---

56 Alvo neste caso refere-se a cor Branca.

57 Condessa de Caraman-Chimay — Princesa Marie Joséphine Anatole Louise Élisabeth de Riquet de Caraman-Chimay, nasceu em 11 de julho de 1860 na cidade de Paris, e faleceu no dia 21 de outubro de 1952 em Lausanne. Muito famosa por sua beleza e elegância.



*particular. O pessoal estava assistindo cinema e nem viu. Isso para mim foi uma honra, mas que só apareceu em público hoje, agora, nesse momento.*

MIS — E ninguém soube na época, não é, professor?

VIANNA — *Nem na época...*

MIS — Fale da medalha que recebeu.

VIANNA — *No dia 7 de setembro, o embaixador brasileiro em Bruxelas, que vinha a bordo dirigindo a viagem, mais que o comandante, porque ele representava o Brasil perante a corte de Sua Majestade; ele vinha dirigindo a viagem. Ele veio até nós e disse:*

— *“O Rei quer falar com os Senhores, mas sem os instrumentos”.*

*Pensei: o que será, poxa?! Será que ele vai mandar cortar a cabeça da gente? [risos]. A gente está tocando tão mal assim?! Daí, quando chegamos lá, era a condecoração, na sala do Rei, onde estava o piano Steinway, a comitiva do Rei, ele à frente, a Rainha do lado, a Condessa de Caraman-Chimay, o Comandante, o Imediato, toda uma hierarquia quase completa de um país. E o Rei falou em nome da Rainha: que ela estava muito satisfeita com o nosso trabalho e o nosso talento demonstrado e que resolveu nos agraciar com as Palmas em Ouro da Ordem da Coroa, fincada por ele mesmo na lapela! E na minha casaca ainda tem um sinalzinho [risos]. Aquela menina, eu estou com medo dela<sup>58</sup>... [risos].*

---

58 Referindo-se aparentemente a alguém, no local em que a entrevista se desenrolava.

*... eu estava, vamos dizer, sob a batuta do  
Villa-Lobos...*



*Figura 7 - Chopin não é um autor que a gente apenas admira: é um autor que a gente ama! Acervo FV*

MIS — Vamos então prosseguir, professor? Agora chegamos na Semana de Arte Moderna. Nas suas anotações aí, na participação na Semana de Arte Moderna, não é?

VIANNA — *Mas eu acho que nós podíamos descansar um pouquinho por que isso não vai acabar não...Que horas são?*

MIS — O Sr. poderia falar um pouco da Semana e depois descansamos. São 15:10 horas. O que podemos marcar seriam as datas de suas primeiras obras, nessa época, afinal de contas você ainda não disse nada como compositor.

VIANNA — *A Semana de Arte Moderna eu acho muito importante pra gente passar por ela. De 1919 a 1923, eu frequentei diariamente a casa de Villa-Lobos. É uma força de expressão, quando eu não saía do Rio, ia pra lá. Minha lembrança é essa. Vi os estrilos<sup>59</sup> que deu com a mulher dele etc e tal, vi tudo isso [risos]. Porque o gênio do Villa-Lobos é muito conhecido para eu estar com restrições aqui e isso está guardado dentro de mim e agora vou botar pra fora. Tem algum mal?*

MIS — Não, em absoluto!

VIANNA — *Vi o Villa-Lobos brigar até com vizinhos que não aguentavam mais aquela música e tudo mais, e faziam barulho lá em cima para atrapalhar o Villa. Na casa da Rua Dídimo...*

MIS — A Semana de Arte Moderna, se o Sr. falar dela, nós mantemos assim uma certa cronologia. Você já estava em São Paulo, quando houve a Semana?

FV — *Não, o Villa-Lobos me levou. Eu já tinha estudado aquele Trio e depois comecei a estudar aquela Sonata Fantasia<sup>60</sup>.*

MIS — ...para violino e piano...

VIANNA — *Ainda estudei com a Paulina D'Ambrósio<sup>61</sup>, que também foi levada para a Semana de Arte Moderna. Então estudamos esta Sonata, eu estudei o Trio, estudei várias músicas que o Nascimento*

---

59 Estrilos: O mesmo que zangas, fúrias, protestos.

60 Sonata para Violino e Piano, Désespérance.

61 Paulina D'Ambrósio nasceu em São Paulo em 1890 e faleceu em 10 de agosto de 1976 na mesma cidade. Ela foi uma musicista e violinista brasileira, que estudou no Conservatório Real de Bruxelas. Lecionou por 42 anos na Escola Nacional de Música, foi professora de Ernani Aguiar, Guerra Peixe, Henrique Morelenbaum, Michel Bessler, Natan Schwartzman, George Marinuzzi, Julia Dreisler, Luis Strambi, Paulo Bosisio e Santino Parpinelli.

Filho<sup>62</sup> cantava, filho do velho professor Nascimento<sup>63</sup>, da Escola Nacional de Música que era um baritono de primeiríssima ordem que nós tínhamos aqui no Rio. E outras pecinhas: aquelas Três Danças Africanas, do Villa-Lobos; ele fez um arranjo para octeto. O Orlando Frederico<sup>64</sup> estava, o Alfredo Gomes<sup>65</sup>

MIS – O violoncelista.

VIANNA – ...Nós tocamos também esse octeto, na Semana de Arte Moderna. Lá estava com o nome de Octeto, mas eram as Três Danças Africanas. Toquei também o Quarteto Simbólico, que tinha harpa, e eu toquei a parte da harpa no piano porque não tinha harpa. Eu toquei, nos bastidores, o piano feito harpa. Puseram um papel lá dentro... Era o Quarteto dedicado à Madame Santos Lobo<sup>66</sup>. Então a minha atuação lá foi tocando Villa-Lobos, o Trio, o Quarteto Simbólico, a Sonata e o Octeto.

MIS – E a receptividade para com essas peças do Villa-Lobos? Teve vaia? Como foi?

VIANNA – Olha, esse negócio de vaia... eu não acompanhei porque, estando no palco, acabava meu número, eu ia lá pra dentro. Não estava tão interessado senão em fazer música.

MIS – Você estava na sua, como se diz, né? [risos]

VIANNA – Justamente. Eu não estava interessado em abranger toda a figuração daquela coisa.

---

62 Nascimento Filho (cantor), é o filho de Frederico Nascimento, este que foi nomeado em 1889 professor de violoncelo do Instituto Nacional de Música, e foi professor de Villa-Lobos.

63 Frederico Nascimento (Setúbal, 18 de Dezembro de 1852 – 12 de Junho de 1924) foi um violoncelista e professor de harmonia português. Considerado um violoncelista notável, em 1889 foi nomeado professor de violoncelo do Instituto Nacional de Música e, mais tarde, de Harmonia, área a que se dedicou abandonando o ensino do violoncelo. Neste Instituto, teria sido professor de Harmonia, entre outros, de Heitor Villa-Lobos, que consta como tendo ingressado na instituição em 1907.

64 Orlando Frederico foi professor de conjunto de câmara na Escola de Música do Rio de Janeiro. Foi professor de Guerra Peixe

65 Alfredo Gomes sobrinho de Carlos Gomes, e pai de Iberê Gomes Grosso. Foi professor da UFRJ, assim como Orlando Frederico.

66 Laurinda Santos Lobo, nasceu em Cuiabá em 4 de maio de 1878 e faleceu em 1946. Organizava bailes e encontros "intelectuais" com músicos.

MIS – Mas fez sucesso, pelo menos movimentou o ambiente, né?

VIANNA – *Ah, movimentou demais o ambiente. Eu sabia que eles estavam recebendo vaias e tudo. E às vezes, mais tarde, recordando as coisas, eu achava que em algumas havia até razão. Houve um grande protesto da Guiomar Novaes<sup>67</sup>. Ela também tomou parte...Você não soube disso?*

MIS – Ela protestou contra a Semana?

VIANNA – *Contra o que se estava fazendo na Semana. E, se fosse hoje, eu protestava também!*

MIS – Estava defendendo as cores acadêmicas, não é?

VIANNA – *Mas que acadêmicas! Você sabe que o Poulenc<sup>68</sup> fez umas peças<sup>69</sup> debicando Chopin e o Ernani Braga<sup>70</sup> tocou isso em plena Semana de Arte Moderna. Porque eles queriam coisas novas e não estavam se incomodando. No fundo tenho certeza que o próprio Ernani não estava gostando daquilo. Foram as circunstâncias que o levaram a tocar aquilo, assim como poderiam me levar também. Chopin não é um autor que a gente apenas admira: é um autor que a gente ama. Isto é que é Chopin. Se ele não tiver o seu amor, você não pode tocá-lo. Então você chega lá e tem um pianista que vai tocar a Marcha Fúnebre de Chopin, o Trio (cantarola), na gozação (risos). Ora, isso é uma gozação com Chopin e a Guiomar Novaes protestou e todo mundo deu razão a ela. Foi uma espécie de escândalo da época.*

MIS – Essa foi a primeira vez que o Sr. foi vaiado e acredito que última, não é? E Guiomar Novaes foi também vaiada junto com o Sr.?

---

67 Guiomar Novaes nasceu em São João da Boa Vista em 28 de fevereiro de 1894 e faleceu em São Paulo no dia 07 de março de 1979. Foi uma importante pianista brasileira. Reconhecida pelas suas interpretações de Chopin e Schumann. Divulgou o trabalho de Villa-Lobos no exterior.

68 Francis Jean Marcel Poulenc nasceu em Paris em 7 de janeiro de 1899 e faleceu na mesma cidade em 1963. Compositor e pianista francês.

69 Peças na verdade, de autoria de Eric Alfred Leslie Satie, entre elas *Embryon desséchés*. Satie nasceu em Honfleur, Baixa-Normandia em 17 de maio de 1866 e faleceu em 1 de julho de 1925, em Paris. Pianista e compositor, precursor de movimentos artísticos como minimalismo, música repetitiva e teatro de absurdo.

70 Ernani Braga (1888-1948) foi compositor, pianista e maestro brasileiro.

VIANNA — Não! Ela não foi vaiada nem eu! Quem foi vaiado foram os autores das músicas. Há um engano; não vamos por esse caminho! Os mais vaiados foram os literatos, não os músicos. Lá estavam uns que eram mais assim e outros mais assado. Por exemplo: o Menotti Del Picchia<sup>71</sup> nunca foi assim muito moderno, né, nem hoje. Mas o Oswald de Andrade, o Sérgio Milliet<sup>72</sup>...esses é que foram vaiados e não acho que o motivo foi as suas obras. Eles foram vaiados por menosprezar a parte antiga da arte; disseram adeus antes da hora para os antigos e abraçarem ali, a priori, sem razão plausível, as coisas, só por serem modernas, embora não fossem realmente arte... Porque hoje em dia nós podemos criticar e estudar a obra e abraçar aquilo, mas não só por ser moderno — que foi o espírito da Semana de Arte Moderna.

MIS — Professor, nessa ocasião o Sr. conheceu Mário de Andrade?

VIANNA — Esse é um tema muito interessante que eu gostaria de falar depois que a gente descansar um pouquinho.

MIS — Você quer descansar um pouco? Voltamos em seguida.

[PAUSA]

---

71 Paulo Menotti Del Picchia nasceu em 20 de março de 1892 na cidade de São Paulo e faleceu na mesma cidade em 23 de agosto de 1988. Foi poeta, jornalista, tabelião, advogado, político, romancista, cronista, pintor e ensaísta brasileiro.

72 Sérgio Milliet da Costa e Silva nasceu em São Paulo no dia 20 de setembro de 1898 e faleceu na mesma cidade em 9 de novembro de 1966. Foi escritor, pintor, poeta, ensaísta, crítico de arte e de literatura, sociólogo e tradutor.

## *... o Mário era uma pessoa insubstituível no meio brasileiro...*



*Figura 8 - Foto histórica onde se vêem importantes personalidades da cultura brasileira. Mário de Andrade ao centro e Vianna sentado à direita, ao lado de Guarnieri.*

MIS — Depois de uma interrupçãozinha de 5 minutos, vamos prosseguir na conversa com o professor Frutuoso Vianna. Nós perguntávamos sobre Mário de Andrade<sup>73</sup>. Nessa época, o Sr. como participante da “Semana” o conheceu?

VIANNA — Como participante da “Semana de Arte Moderna”, eu estava, vamos dizer, sob a batuta do Villa-Lobos. Então ficamos num hotel lá em São Paulo e a gente vinha estudar no Teatro durante a manhã e não tomei conhecimento nem contato nenhum com Mário de Andrade. Era tanta gente na “Semana” que... E eu não tinha nessa ocasião nenhum conceito sobre o Mário. Só vim a ter mesmo um conceito do valor dele em 1926 e isso foi no hotel Riachuelo, onde me hospedei, e o Mário estava hospedado. Ele me conhecia porque o Souza-Lima

---

73 Mario Raul Moraes de Andrade, nasceu em 9 de outubro de 1893 na cidade de São Paulo, faleceu em 25 de fevereiro de 1945 na mesma cidade. Foi um escritor, musicólogo, historiador de arte e crítico. Mário de Andrade, a convite do prefeito Fábio Prado e em colaboração com Paulo Duarte cria, em 1935, o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, sendo seu primeiro diretor.

<sup>74</sup>tinha trazido a minha Dança de Negros de Paris e tocou em São Paulo num concerto e então o Mário ficou conhecendo. Aliás eu tenho uma crítica dele sobre um concerto que dei, em 1928, em 30 de outubro, no Teatro Municipal de São Paulo. Mas em 1926 nos encontramos em casa da Elsie Houston<sup>75</sup> e o Mário tinha uma roupa muito interessante, assim à inglesa. Ele tinha também essas coisas, se vestia muito bem, botina engraxada. Ele uma vez escreveu um artigo sobre um moleque que pisou na botina dele, assim que ele saiu do engraxate [risos]. Ele diz que vinha tão feliz com aquela botina, com aquele “espelho” que aquele menino veio turvar sua vida, pisando; depois se recompôs, acho que perdoou o menino na crônica, muito engraçado, muito bom! Muito humano! Então na casa da Elsie, conheci o Mário e vi o estofado de que era feito. Esse sujeito era fantástico na minha opinião. E depois, com o correr dos anos, essa minha admiração foi num crescendo e eu cheguei mesmo, estudando e ouvindo opiniões, à conclusão de que o Mário era uma pessoa insubstituível no meio brasileiro. Nunca mais vamos ter um crítico de música como Mário de Andrade.

MIS — Costuma-se dizer, professor, que Mário de Andrade foi o mais completo intelectual brasileiro neste século. O Sr. endossa isso?

VIANNA — Bom, eu só posso falar sobre música, mas eu endosso. Como é que não vou endossar? Tudo o que vejo do Mário é ótimo, em qualquer setor. Outra coisa é que: um indivíduo que chegasse para conversar com ele, dava a impressão de estar pensando nele e vivendo a vida dele. Quantas vezes fui à casa do Mário, pensando que ele estava pensando em mim porque ele falava a meu respeito coisas que eu não estava pensando apesar de se tratar de coisas minhas. Essa foi uma grande impressão que ele me deixou. Outra coisa: como crítico, ele analisava. Os críticos de hoje não analisam coisa nenhuma.

MIS — O importante é que ele era músico. Um músico que escrevia.

---

74 João de Souza Lima, nasceu em 21 de março de 1898 em São Paulo, faleceu na mesma cidade em 21 de novembro de 1982. Foi pianista, maestro e compositor.

75 Elsie Houston-Péret, nasceu em 22 de abril de 1902 no Rio de Janeiro, e faleceu em Nova York em 1943. Foi uma soprano brasileira, aluna de Lilli Lehmann na Alemanha.



VIANNA — *Mas tem muito crítico músico que não analisa a obra. Fala que é “bonitinha”, “é de fulano”, “é importante”, “foi tocada tantas vezes”, mas analisar a obra mesmo, só o Mário. Nem o Guanabario. Nem o Rodrigues Barbosa*<sup>76</sup>. *Esse é flautista, você sabia? Mineiro.*

MIS — Não. É o famoso crítico do Jornal do Comércio. Depois você se tornou um grande amigo do Mário, não é? Você residiu alguns anos em São Paulo...

VIANNA — *Residi em São Paulo uns dez anos. Fui para lá em 1930...*

MIS — Por que, professor?

VIANNA — *Aí fui tentar a vida em São Paulo. Fui logo admitido como professor de piano no Conservatório Dramático e Musical*<sup>77</sup>.

MIS — O Sr. teve uma grande atuação na vida artística de São Paulo. Bom, em [19]30, você se mudou de vez para SP?

VIANNA — *O ano de 1927, eu passei na minha terra Itajubá.*

MIS — Foi rever a terra?

VIANNA — *Meu pai tinha falecido em março de 1926. Em 1927, fiquei junto da minha mãe, passei o ano lá, mas quando foi ali nos meados de 27, houve uma inauguração no Clube de Itajubá e toquei no concerto que eu mesmo organizei. Vieram até umas pessoas de Belo Horizonte e outros do Rio.*

---

76 José Rodrigues Barbosa (1857-1939) autor do texto “Um século de música brasileira”. Foi crítico carioca, um dos mais respeitados. Trabalhou como crítico do *Jornal do Comércio*

77 Conservatório Dramático e Musical fundado oficialmente em 15 de outubro de 1904, suas atividades foram iniciadas somente em 25 de abril 1906. Foi a primeira escola superior do gênero na cidade e a quarta do país, precedido apenas pelo Conservatório de Música do Rio de Janeiro, Instituto de Música da Bahia e pelo Conservatório Carlos Gomes de Belém, no Pará. Extinto em 2009, seu prédio foi restaurado e integrado à Praça das Artes em 2012. Atualmente administrado pela Fundação Theatro Municipal de São Paulo, funciona no local a Sala do Conservatório, sede oficial do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo.

...Fui em casa, arrumei o manuscrito para ele e  
ele tocou...

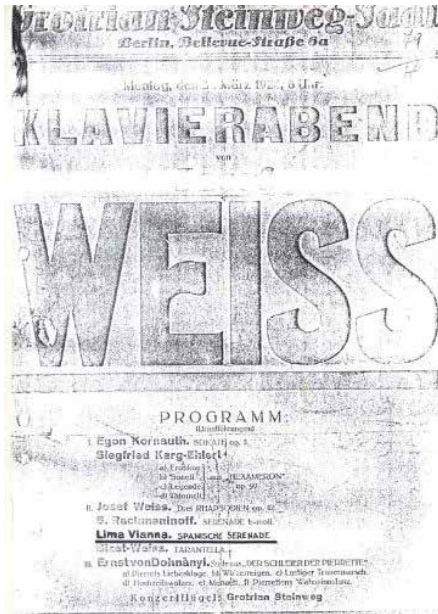


Figura 9 - Programa do recital de Weiss, em que interpreta a Serenata Espanhola, de Vianna (Acervo FV).

MIS — E sobre seu curso na Europa? Que ano você embarcou para a Europa para fazer um curso de aperfeiçoamento, para que fique registrada a época em que você foi estudar em Paris?

VIANNA — [lendo] *Mil novecentos e vinte e três: viagem para a Europa, Santos Dumont, concerto a bordo...*

MIS — Isso é importante! Como é que foi?

VIANNA — *No ano de 1922, cheguei em casa, saí daqui do Rio, já lecionava piano, tinha alunos e tudo, mas resolvi ir para a Europa. Cheguei para o meu pai e disse:*

— *“Escuta, eu vou para a Europa, para o ano”.*

— “Vai? Como é que você vai”?

— “Tomo o navio e vou.”

— “É o dinheiro”?

— “Bom, isso é com o Senhor” [risos].

*Meu pai caiu com a gaita. Caiu mesmo. Mas nem eu nem ele nos arrependemos. Fui para Paris, cheguei lá e o professor que mais me indicaram foi o Philippe<sup>78</sup>, com quem fui ter uma lição com ele e não gostei. Descobri a Blanche Selva<sup>79</sup>, e tomei umas duas lições com ela. Nesse meio tempo, chega em Paris o nosso conterrâneo Pery Machado<sup>80</sup>.*

MIS — Violinista...

VIANNA — *...e o Iberê Lemos<sup>81</sup> que era auxiliar do consulado brasileiro em Berlim. Eles foram a Paris não sei a que título e me convidaram para ir a Berlim, dizendo que lá o meio era bom, que eu ia gostar muito e me animaram tanto que resolvi ir e fui. Isso foi em 1923, ano em que cheguei na Europa; cheguei em abril.*

MIS — Passou pouco tempo em Paris e foi para Berlim.

---

78 Isidore Edmond Philippe, que foi professor de Guiomar Novaes, nasceu em Budapest em 2 de setembro de 1863 e faleceu em Paris em 20 de fevereiro de 1958. Foi um pianista francês, compositor e professor.

79 Marie Blanche Selva (Brive, Corrèze, 29/1/1884 — St. Amand Tallende, 3/12/1942), pianista e professora francesa. Primeiro prêmio no CNSM — Paris, em 1895 e discípula de D'Indy. Estudou na Schola Cantorum e lá lecionou de 1901 a 1922 e depois em Praga e Estrasburgo. Dirigiu sua própria Academia em Barcelona. Depois de 1902, dedicou seu talento aos compositores franceses modernos que ela tocou na Société Nationale de Musique e na Libre Esthétique, de Bruxelas. Especializou-se também em música tcheca e é autora de cinco livros teóricos.

80 Pery Machado (1898-1955) foi um violinista gaúcho.

81 Arthur Iberê Lemos (1901-1967) foi pianista, músico e compositor. Foi homenageado por Carlos Gomes na Ópera *Lo Schiavo*.

VIANNA — *É. E lá comecei a estudar com um rapaz chamado Hanschild<sup>82</sup>, de Munique, aluno— neto do Busoni<sup>83</sup>, a escola do Egon Petri<sup>84</sup> que é um grande pianista...*

MIS — Muito conhecido nos EUA. Nunca veio à América do Sul, mas muito conhecido na Europa e nos EUA.

VIANNA — *Uma vez o Egon Petri deu em Berlim cinco grandes recitais: um de Bach, um de Schumann, um de Chopin, um de Beethoven e um de Liszt; não podia deixar o Liszt...*

MIS — Se era aluno de Busoni, não podia deixar o Liszt! [risos]

VIANNA — *Esse Petri foi professor de meu professor, então todo o tempo que estive em Berlim, estudei com o Hauschild.*

MIS — Quanto tempo você passou em Berlim?

VIANNA — *Um ano e pouco. Não: dez meses. Tem um episódio muito interessante: estava tomando lição até umas 10h da manhã, na casa do Hauschild, quando aparece lá um José Weiss<sup>85</sup> que eu nem sabia quem era. Aí e ele (Hauschild) me apresentou como um grande pianista, aluno de Liszt, e disse ao Weiss que eu também era compositor e me pediu que tocasse alguma coisa minha. Toquei minha Serenata Espanhola. O Weiss disse: “vou tocar isso no meu concerto para a semana!” Fui em casa, arrumei o manuscrito para ele e ele tocou.*

MIS — Qual a nacionalidade dele?

VIANNA — Alemão. E Weiss quer dizer branco, não é? Ele tinha mania de fazer verdadeiros discursos nas horas dos concertos. Levantava do piano e falava. Diz que aquele grande intérprete de Chopin também fazia isso, o ...

---

82 Rudolf Hauschild, ex-aluno de Egon Petri, da escola de Busoni.

83 Dante Michaelangelo Benvenuto Ferruccio Busoni, nasceu na Itália em 1 de abril de 1866 e faleceu em Berlim em 27 de julho de 1924. Foi um compositor, pianista, professor e maestro.

84 Egon Petri (1881-1962) Pianista, aluno de Busoni, Carreño, Buchmayer e Draeseke. Professor no Conservatório de Berlim e na Universidade de Cornell (EUA).

85 Josef Weiss (1864-1945) pianista e compositor. Aluno de Liszt.

MIS — De Pachmann<sup>86</sup>

VIANNA — *É: “Vou tocar agora Berceuse de Chopin que eu toco há mais de 30 anos e isso é wunderbar!” Aquela coisa. Esse José Weiss era assim também. Ele dizia: “— Vou tocar agora uma Spanishes Serenade de um compositor brasileiro que está aqui na platéia”.*

MIS — Você já tinha tocado em público a sua *Serenata*?

VIANNA — *Não, lá não.*

MIS — E de lá da Alemanha, você foi pra onde?

VIANNA — *Voltei para Bruxelas. Cheguei lá, a Lúcia Branco<sup>87</sup>...*

MIS — Sim, professora de nosso famoso Nelson Freire<sup>88</sup>...

VIANNA — *Sim, professora emérita no Rio. Mas, antes de uma professora emérita, uma grande pianista. Ela deu um concerto em Bruxelas que foi um assombro. Foi aluna do Arthur de Greef<sup>89</sup>; aí eu o procurei e estudei com ele que também foi aluno de Liszt.*

MIS — Quer dizer que as convergências se faziam em torno dos ensinamentos de Liszt. E da Alemanha, o Sr. voltou a Paris e ficou quanto tempo lá, professor?

VIANNA — *Estudei com o De Greef por causa da Lúcia Branco que deu um concerto com grande sucesso e o De Greef me disse: — “No*

---

86 Vladimir von Pachmann, nasceu em Odessa em 27 de julho de 1848 e faleceu em Roma em 6 de janeiro de 1933. Foi um pianista conhecido por interpretar as obras de Chopin.

87 A professora Lúcia Branco (1903-1973) teve um papel fundamental no ensino de uma geração de pianistas no Rio de Janeiro, e ela própria foi aluna de Arthur De Greef, que teve aulas com Franz Liszt.

88 Nelson Freire nasceu em 18 de outubro de 1944 na cidade de Boa Esperança (MG) e faleceu em 01 de novembro de 2021. Foi um pianista brasileiro de fama internacional. Foi aluno de Nise Obino e Lúcia Branco.

89 Arthur de Greef nasceu em 10 de outubro de 1862 em Lovaina (Bélgica) e faleceu em 29 de agosto de 1940 em Bruxelas. Foi pianista e compositor. Estudou no Conservatório Real de Bruxelas com o professor Louis Brassin. Foi aluno também de Franz Liszt em Weimar. Autor de música de câmara e de peças para piano. Recebeu o seguinte comentário de Debussy: “M. A. de Greef a joué merveilleusement un concerto pour piano de Saint— Sæens (œuvre consacrée)” — La Revue Blanche, Paris, 1er avril 1901. Tradução: “O senhor A. de Greef tocou maravilhosamente um concerto para piano de Saint Sæens”.

"lendemain de son exécution, elle était connue dans toute la Belgique<sup>90</sup>".  
*E ele também viajava muito, estava sempre em Londres, mas me escrevia dizendo: "– Sua lição vai ser tal dia, em Bruxelas", e era na Maison Pleyel de lá, não me lembro bem. Ele era muito simpático e tudo...*

MIS – A sua *Dança de Negros* é de que época?

VIANNA – É de 1924.

MIS – Mais tarde, portanto.

---

90 Tradução "No dia seguinte ao seu recital, ela já era conhecida em toda a Bélgica"

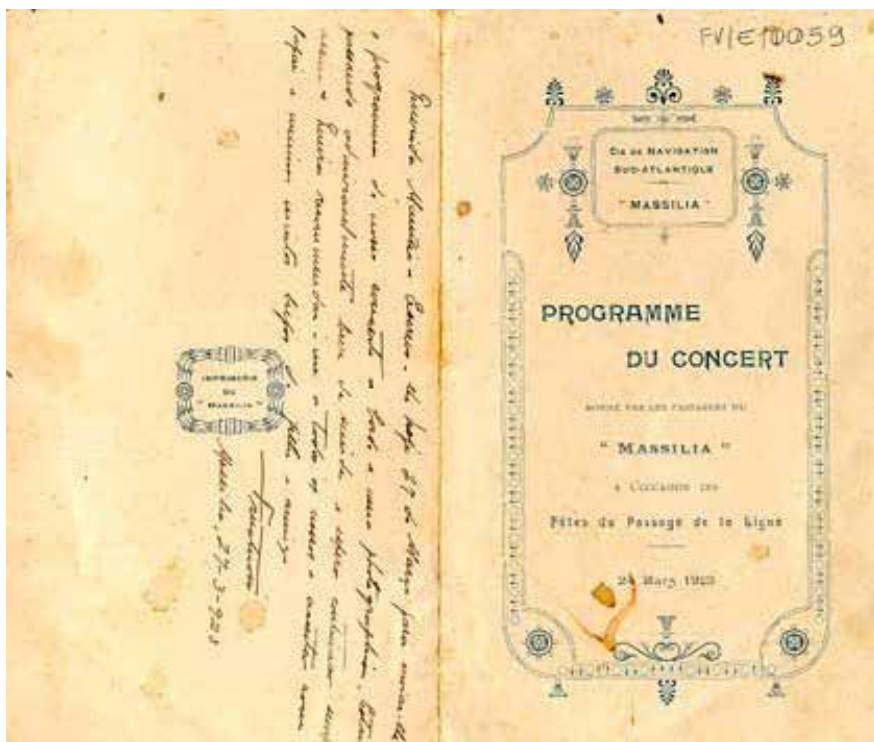


Figura 10 - Acervo FV

MIS— E Santos Dumont? O Sr. Já falou pela segunda vez. O que ele tem a ver com isso?

VIANNA — *É que viajei com Santos Dumont, em 1923, quando fui para a Europa e fiz conhecimento dele a bordo. Ia também gente muito importante nesse navio era um grande navio, o Massilia, francês, do Chargeurs Réunis, de 24 toneladas, um colosso! Uma patisserie francesa [risos]. Estavam lá a Madame José Santa Marina que é uma fortuna imensa na Argentina... Dei um concerto a bordo. Vou contar. Entrei aqui na Praça Mauá, no Massilia, e já fui recomendado à Sra. Graça Aranha<sup>91</sup>, a laiã Graça Aranha<sup>92</sup>, a mãe de Heloisa Graça Aranha, casada lá em*

91 José Pereira da Graça Aranha foi um escritor e diplomata brasileiro, e um imortal da Academia Brasileira de Letras, considerado um autor pré-modernista no Brasil, sendo um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922.

92 Graça Aranha foi casado com Maria Genoveva, a laiã, filha do conselheiro José Bento de Araújo, presidente da província do Rio de Janeiro entre 1888 e 1889.

Pernambuco com o Rosa e Silva<sup>93</sup>, grande político. Fui com Iaiá Graça Aranha, mãe do Temisso [?], do Itamaraty, não sei se está vivo...A família Conde [?], que era uma família bonita; tinha uma moça que era o rosto da Gioconda, uma moça linda! Toda essa gente fazia festa para mim porque eu tinha um “Caveau” fora do comum, na sala de visitas do navio. Então todo santo dia eu tocava para essa gente ouvir. Ia a bordo também Leão Veloso<sup>94</sup> – nome verdadeiro de Gil Vidal, do Correio da Manhã. Essa gente, vendo que eu não me fazia de rogado e tocava todo dia, propôs organizar um concerto para mim. Quem propôs isso foi um [?], de Montevidéo. Ia, por exemplo, a Madame Bueno, esposa de [?], Ministro do Uruguai em Berna; ia o Roberto Brandão, Ministro do Brasil na Suécia, Santos Dumont – uma viagem principesca! Quando me proposuram isso, ficaram todos acanhados de propôr que eu ganhasse alguma coisa. Aí eu falei: “– Eu vou lá para estudar e, se me derem um cobre...”. Então a Madame José Santa Marina me mandou uma pelega francesa. Eu tirei a minha viagem de graça e ainda ganhei dinheiro! Não foi uma proeza minha?! Tocar a bordo, ganhar a viagem a bordo. Agora se faz na televisão, mas já passei da fase da TV<sup>95</sup>...

### **...Eu tirei a minha viagem de graça e ainda ganhei dinheiro!**

MIS — ...e o Sr. fez amizade com Santos Dumont?

MIS — Continue, professor

VIANNA — *Eu quero que o Sr. continue também. Escuta uma coisa: eu vou fazer uma promessa solene aqui, com três testemunhas. Eu penso que ainda tenho esse retrato que mandei tirar, na viagem do Massilia, junto com o Santos Dumont e mais o Roberto Brandão, que era ministro do Brasil. Se eu tiver, vou dedicar ao museu, como lembrança desta*

---

93 Francisco de Assis Rosa e Silva (Recife, 4 de outubro de 1857 – Rio de Janeiro, 1 de julho de 1929) foi um político brasileiro, vice-presidente da República de 1898 a 1902 no governo Campos Sales. Foi também deputado federal, ministro da Fazenda do Governo Artur Bernardes, ministro do Supremo Tribunal Federal e diretor do Jornal do Brasil.

94 Pedro Leão Veloso foi um ministro de Estado brasileiro. Assumiu o Ministério das Relações Exteriores do Brasil no governo Getúlio Vargas interinamente por três vezes, de 24 de agosto de 1944 a 20 de fevereiro de 1945, de 19 de março a 15 de abril de 1945 e de 6 de julho a 30 de outubro de 1945.

95 Neste trecho Fructuoso cita muitas figuras, algumas já identificadas e mencionadas neste trabalho, enquanto outras não foi possível encontrar informações. A Revista da Tulha agradece qualquer informação que o leitor tiver. Escrever para [revistadatulha@usp.br](mailto:revistadatulha@usp.br)



*entrevista [pausa]. Agora você não repare porque estou de bonezinho; estou até bonitinho! [risos], quando foi na ocasião do “mais pesado que o ar”, naquela festa que houve aqui..*

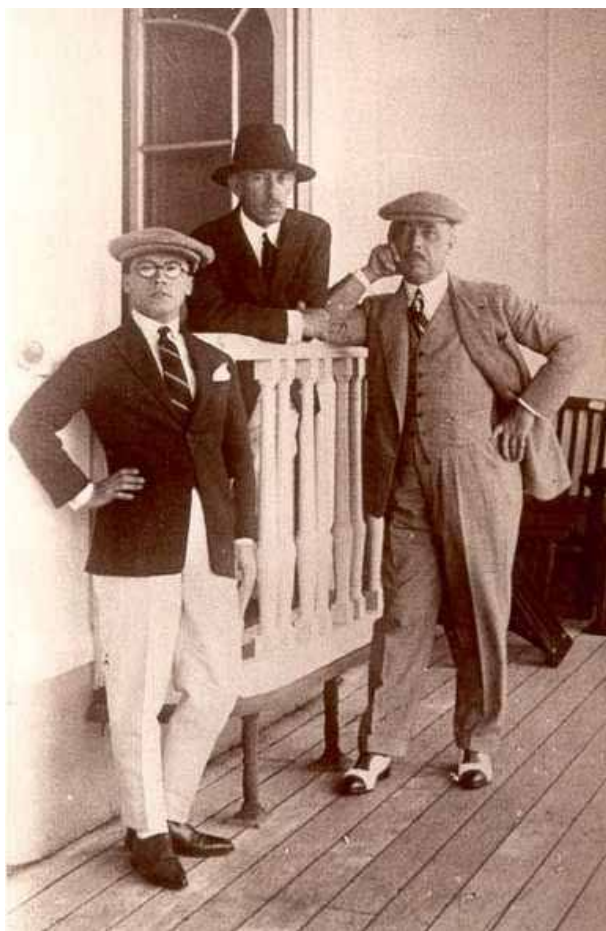


Figura 11 - Agora você não repare porque estou de bonezinho; estou até bonitinho!

— Isso anos depois...

VIANNA — ... *Eu trazia no carro comigo uma dessas fotografias autografadas pelo Santos Dumont e perdi.*

MIS — *Porque o Sr. é autor do Hino a Santos Dumont, não é? Encomendado pela Aeronáutica, essa coisa toda.*

VIANNA — *Agora vou contar a história do Santos Dumont. Como viajei com ele, sempre o tive em muito boa conta, aliás todo mundo tem, mas ultimamente ele andava meio doente da cabeça e tudo..., mas sempre o respeitei. Afinal, um amigo meu entrou na minha casa e disse:*

— *“Olha, você está convidado a fazer a música de um Hino a Santos Dumont, cuja letra é minha”.*

*O professor França Campos, do Colégio Bennett, depois foi até diretor do Instituto de Educação etc. Eu já tinha outras músicas com ele — ele, o letrista, e eu, o músico — e me senti muito bem ao ser convidado. O convite foi feito pela comissão encarregada, pelo Ministério da Aeronáutica, de organizar os festejos comemorativos do cinquentenário do voo do mais pesado que o ar.*

MIS — *Portanto em que ano?*

VIANNA — *Mil novecentos e cinquenta e seis. Fiz esse Hino, gostei muito dele. Porque tem composições minhas que...O fato de ser da gente não significa que a gente não tenha autocrítica desenvolvida. Mas gostei muito desse Hino. É muito simples, é muito “hino”. O Muricy disse: “— Este é um hino!”. Porque tinha uns negócios de Santos Dumont... [cantarola].*

MIS — *As marchinhas transformadas em hino...*

VIANNA — *Mas o meu hino é hino mesmo! Então fui lá para fazer o Ministro ouvir. Gravei no Colégio Bennett, com um pessoal de lá, eu tocando piano. Levei para o Ministro ouvir. Ele aprovou na mesma hora e mandou imprimir três mil exemplares e espalhar por esse mundo afora. Mas com isso eu não ganhei um tostão e faço questão de ressaltar.*

MIS — *Mas professor, o Sr. não foi agraciado depois? Nem com a medalha Santos Dumont?*

VIANNA — *Não.*

MIS — Então é uma falta imperdoável! Não é, Ricardo? Tanta gente agraciada pelo Ministério da Aeronáutica e o autor do hino ficou de fora!?

VIANNA — *Essa comissão foi encarregada de organizar os festejos. Agora eu posso citar o nome do professor Ari da Mata, que era presidente da comissão.*

***... e essa carreira de compositor tão inspirado?***



*Figura 12 - Acervo FV*

MIS — Mas professor, o Sr. não falou de sua obra. Ela começou em 1920, não é verdade? Qual foi sua primeira música?

VIANNA — *Aqui consta que foi o Prelúdio nº 1 que eu comecei a registrar. Agora você sabe que, quando um indivíduo começa a fazer*

*um índice, uma coisa assim, ele não começa do comecinho, né. Eu, como criança, devia ter algumas composições...*

MIS – Fez? Chegou a fazer?

VIANNA – *Que eu me lembre, tenho uma Barcarola, do ano de 1915, e eu não era mais criança, tinha dezoito anos, mas é uma Barcarola muito bem feita; nunca esqueci dela nem imprimir nem escrever. Escrevi em Belo Horizonte, que minha irmã me pediu...*

MIS – Mas escrita mesmo data de 1920? A partida oficial é 1920?

VIANNA – *Este Prelúdio nº 1, que está escrito aqui, ganhou um prêmio numa sociedade em que o Luiz Heitor<sup>96</sup>...ele conta no livro dele “150 anos de Música Brasileira”, que é o único livro que fala de mim<sup>97</sup>, da minha biografia, e fala que o Prelúdio nº 1 ganhou um prêmio numa sociedade cujo nome eu não me lembro mais. Sinto que tenho uma veiazinha russa na minha composição, outra espanhola, outra brasileira e outra universal.*

MIS – São as afinidades, não é? Mas você, na sua família, são todos mineiros, de quatro, cinco gerações, tudo mineiro?

VIANNA – *Não: portugueses. Meus dois avós, paterno e materno, os homens, são portugueses. As avós são brasileiras.*

MIS – Quer dizer que é só afinidade espiritual?

VIANNA – *Mas pera aí! Aqui eu não posso falar de toda a minha vida porque daqui eu já passo para Portugal [risos]. Olha aqui [lendo] Relíquia Apócrifa, Canções Trovadorescas, Guilherme de Almeida,*

---

96 Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, nasceu no Rio de Janeiro em 13 de dezembro de 1905 e faleceu em Paris em 10 de novembro de 1992. Foi um musicólogo e folclorista brasileiro. Trabalhou como bibliotecário no Instituto Nacional de Música e posteriormente assumiu a cadeira de folclore desta mesma instituição. Foi representante do Brasil na Divisão de Música da União Pan-Americana em Washington, e em 1951 transferiu-se para Paris, onde assumiu o cargo de comissariado da Música da UNESCO.

97 *150 anos de música no Brasil (1800-1950)* foi lançado originalmente em 1956. O próprio Vianna, no decorrer da entrevista, fala sobre o livro de Vasco Mariz *Figuras da música brasileira (1948)* em que também é citado. Temos também o livro de Marcos Câmara de Castro *Fructuoso Vianna Orquestrador do Piano* (2003).

Reliquia Apócrifa, Cantar Galego, Partir e Ficar...*O meu sangue tem quase 50% português.*

MIS — Então em 1920 o Sr. começou com o *Prelúdio nº 1* e logo depois vem a *Serenata nº 1*, não é? Agora, e essa carreira de compositor tão inspirado? Que influências o Sr. considera que terá havido na sua maneira de compor? O Sr. falou aí na veia russa, espanhola, mas que tipo de influência de composição brasileira o Sr. nomearia? Que coisas brasileiras profundamente o Sr. gostava de ouvir? Porque você é um compositor que já apareceu dentro do nacionalismo musical, com obras já mais características, de modo que queremos saber se alguns dos mestres brasileiros tiveram influência sobre você ou se a coisa surgiu por afinidade espontânea...

VIANNA — *Eu acho que o Ernesto Nazareth<sup>98</sup> influenciou todo mundo. Agora, eu ouvi muita cantiga caipira no interior, moda de viola, isso eu ouvi muito e gosto até hoje. Eu tenho a Toada nº 6 que está gravada naquela série, tocada pelo Heitor Alimonda<sup>99</sup>.*

MIS — É de 1946.

VIANNA — *A primeira audição dessa Toada foi num concerto meu aqui na ABI<sup>100</sup>, de composições minhas e ela foi tocada. Eu a considero a minha obra mais perfeita.*

MIS — A mais acabada, a mais *raffinée*.

VIANNA — *Eu, sem falsa modéstia...*

MIS — A sua música é toda muito perfeita, muito bem trabalhada, mas naturalmente há as preferências do próprio autor.

---

98 Ernesto Júlio de Nazareth, nasceu em 20 de março de 1863 na cidade de Rio de Janeiro, e faleceu na mesma, no dia 1 de fevereiro de 1934. Foi um pianista e compositor brasileiro. Conhecido pelo maxixe (tango-brasileiro), um subgênero do Choro. Este que no final do século XIX e início do século XX fazia referência a certos conjuntos musicais (flauta, cavaquinho e violões) e não a um gênero específico. Conjuntos estes que tocavam polcas, lundus, habaneras, mazurcas e outros gêneros estrangeiros de uma maneira sincopada.

99 Heitor Alimonda, pianista e compositor brasileiro, nascido em Araraquara (1922), faleceu no Rio de Janeiro em 20 de abril de 2002, aposentou-se como professor titular da Escola de Música do UFRJ, na qual trabalhou por 30 anos, e no ano de 1994 recebeu o título de professor emérito.

100 Associação Brasileira de Imprensa.

VIANNA — *Eu sinto o seguinte: um pai tem um filho e pode dizer que ele é inteligente, que a filha dele é muito bonita e tudo mais, e não afeta em nada. Está Toada nº6, minha, eu a acho uma obra perfeita. É um segundo Noturno de Chopin, só que brasileiro.*

— E outros exemplos desse tipo? Vamos a eles, professor, ao longo de sua extensa obra musical.

VIANNA — *Variações sobre um tema popular. Essas variações, isso quer dizer: é a minha infância, a minha cidade vergel<sup>101</sup>, onde predominava o verde das árvores e o casario era muito inferior, pequeno. A cidade valia mais pelo que apresentava de rústico, de beleza, de poesia.*

— Itajubá.

VIANNA — *Itajubá. Eu morava no comecinho. Morei na Praça da Matriz, ouvia o sino tocar, muito bem e tudo... Aqui nessas variações, tem uma que chamo de Angelus<sup>102</sup> e que representa as seis horas da tarde e o sino tocando. É o tema da variação que é o Vem cá, Bitu.*

MIS — Professor, a gente lê aqui que, em 1932, o Sr. também homenageou o “Rei do Samba”, o grande José Barbosa da Silva, o Sinhô<sup>103</sup>. Que música é essa, *Homenagem a Sinhô*? Antes que você fale dessa obra, eu queria saber se você o conheceu pessoalmente?

VIANNA — *Não, só de vista. Eu o vi tocar numa casa de músicas, de um jeito rústico, assim... No Vieira Machado, na Casa Beviláqua, por aí, na Rua do Ouvidor, em algumas daquelas casas. A Homenagem..., eu estava em São Paulo e pude, não é, verificar como é diferente o toque*

---

101 Terreno em que se cultivam árvores frutíferas e plantas ornamentais; jardim, horto.

102 A Hora do Angelus, conhecida também por Toque das Ave-Marias ou Hora das Ave-Marias, que correspondem às 6h, 12h e às 18h, faz referência ao momento de Anunciação, ou seja, no momento em que o anjo Gabriel apareceu e anunciou a vinda do Cristo à Virgem Maria. Para os cristãos estes momentos são considerados como uma reafirmação da comunhão entre Deus e os Homens.

103 José Barbosa da Silva, conhecido como Sinhô, nasceu em 08 de setembro de 1888, na cidade do Rio de Janeiro e lá faleceu, em 4 de agosto de 1930. Foi um instrumentista e compositor brasileiro. Conhecido por suas composições de samba, na primeira fase do samba carioca.

*brasileiro [paulista]<sup>104</sup> do carioca. Então eu fiz um toque brasileiro do carioca, no estilo do Sinhô. Porque aquilo é no estilo do Sinhô. E é bem brasileiro. E é carioca. Tanto que eu botei lá: "Sinhô, compositor carioca de sambas".*

***...sou talvez o compositor brasileiro que mais tenha aproveitado temas do livro do Mário.***



Figura 13 Da esq. para a dir.: Sra. e Sr. Alfred Cortot, Guarnieri, Souza-Lima e Vianna (Acervo FV).

---

104 "Paulista". Acreditamos que Fructuoso neste momento fazia uma comparação entre a música feita em São Paulo e a música feita no Rio de Janeiro, e acabou equivocando-se ao utilizar o termo "brasileira". Sendo assim, compreendemos que a intenção do compositor era utilizar a palavra "paulista".

MIS — O Sr. sentia muita resistência à música de caráter popular? Havia muito preconceito, não?

VIANNA — *Essa minha Homenagem a Sinhô é popular e não é.*

MIS — O que quero dizer é que existia um preconceito dos músicos chamados clássicos aos músicos populares. Por exemplo, como se via Pixinguinha<sup>105</sup>, nessa época?

VIANNA — *Ah, bom! O Pixinguinha, eu comecei a ouvir falar nele através do Villa-Lobos, que tinha uma grande admiração por ele, muito grande. A única pessoa que eu talvez tenha notado um certo preconceito, de longe, que talvez não tivesse coragem [de assumir], era maneiroso...ele não se abria, era o Agnelo França<sup>106</sup>. Comigo ele falava alguma coisa, mas não se abria. Ele falava muito da minha Dança de Negros, só por causa do título. Ele disse que gostou do título da minha música: Dança de Negros, quer dizer: qualquer negro. Mas quando se queria restringir mais ele não gostava muito não. Tinha um pouco de preconceito. Foi a única pessoa que achei que tinha uma certa restrição, mas os outros não, nada, nada. Depois eu vi o Francisco Braga<sup>107</sup> escrever toadas também...*

MIS — Francisco Braga entrou tarde no nacionalismo mas entrou. Sobre sua música de câmara e obra para orquestra e ainda a obra para canto e piano? Vou pedir ao Aluísio de Alencar Pinto que questione sobre algumas curiosidades referentes à sua obra. — Parece que você tem uma predileção muito especial por essas canções arcaicas portuguesas, não é? Você considera também um grande trabalho.

---

105 Alfredo da Rocha Vianna Filho, conhecido como Pixinguinha, nasceu em 23 de abril de 1897 na cidade do Rio de Janeiro, e lá faleceu, em 17 de fevereiro de 1973. Foi um maestro, flautista, saxofonista, compositor e arranjador brasileiro. Um dos maiores nomes da música popular brasileira, contribuiu para o desenvolvimento do choro, atribuindo a esse uma forma musical definida.

106 Agnelo Gonçalves Viana França, nasceu em Valença (RJ), em 14 de dezembro de 1875, faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 12 de julho de 1964. Foi um compositor, pianista, regente e professor de Harmonia. Foi aluno de Alberto Nepomuceno.

107 Antônio Francisco Braga, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 15 de abril de 1868 e lá faleceu no dia 14 de março de 1945. Foi discípulo de Jules Massenet (1842-1912), no Conservatório Nacional de Paris. Em 1900 foi nomeado professor do Instituto Nacional de Música no Rio de Janeiro. Foi diretor artístico e regente da Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos por mais de vinte anos, e foi eleito Presidente Perpétuo da Sociedade Pró-Música. Recebeu do governo francês a *Legion D'Honneur*, no grau de Cavaleiro. Cadeira n.º 32 da ABM.



VIANNA — *Um sujeito que é pai de 15 filhos, será que vai achar que esse é melhor do que o outro? Ele gosta de todos. Às vezes quero fazer essa restrição e dizer que gosto mais dessa ou mais daquela, mas depois eu mesmo desmancho porque acho que todos são meus filhos, nasceram de mim, porque numa situação toda especial eu fiz isso mas tinha razão de fazer. A minha obra mais fraca de todas: mas eu gosto dela.*

MIS — *Que você considera fraca, não é? Então é diferente. E a Toada nº 1?*

VIANNA — *Escuta, esta música eu fiz de improviso no piano da baronesa do Bonfim, na Rua Senador Vergueiro. Eu estava estudando lá para dar um concerto, em 1928, e o timbre do piano me convidou a fazer essa toada. Que coisa engraçada!*

MIS — *A Toada nº5, que é feita sobre um tema gaúcho, que é muito bonito. É uma peça difícil de tocar e eu gosto muito da Toada nº5.*

VIANNA — *É difícil, muito difícil.*

MIS — *Obras para canto e piano. Vê-se na sua musicografia: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Lord Byron...O Sr. colocou música sobretudo nos [poetas] vivos brasileiros. Ou não?*

VIANNA — *Primeiro eu vivi o poema e depois eu fiz a música. O contrário nunca foi comigo. Agora eu estou com vontade de fazer isso: se eu puder, vou pedir para um poeta musicar uma letra minha. Mas sempre foi o contrário.*

MIS — *Frutuoso, e, por exemplo, as obras preferidas? Eu, por exemplo sou um fã incondicional do *Corta Jaca*, já gravada no estrangeiro duas ou três vezes. As *Miniaturas* também, quer dizer, são obras das mais representativas, não é?*

VIANNA — *As Miniaturas. O primeiro alento que tive para continuá-las foi o Camargo Guarnieri*<sup>108</sup>. *Ele foi em minha casa e toquei até uns três números para ele. E você sabe, quando ele quer falar, ele fala mesmo: — “Isto é uma porcaria! Não adianta nada!”... Mas ele gostou. Daquela Nigueninha ele gostou...[cantarola].*

MIS — *As Miniaturas são feitas sobre temas populares brasileiros e colhidos no Ensaio Sobre a Música Brasileira*<sup>109</sup>, do Mário de Andrade.

VIANNA — *Outra coisa que eu queria falar aqui: eu penso não posso provar, só estou fazendo uma estatística que fui o compositor que mais aproveitou temas do Ensaio da Música Brasileira, do Mário de Andrade. Vamos ver, quer ver? Jogos Pueris, Roda das Flores têm dois temas do Mário. Um deles eu já conhecia desde que eu era pequenininho e que minha mãe me cantava. A Canoa [cantarola], esse está no Mário, mas o primeiro não [cantarola “Roda das flores, tem flor de toda cor, tem perpetua, tem (sodada?) amor perfeito e linda flor”]. Isso aí eu ouvia minha mãe cantar; isso eu já trazia.*

— *A Toada n° 5, também sobre tema popular...*

VIANNA — *Toada n° 5 o Mário tem. Vamos contar: aqui tem sete. Eu disse o seguinte: que sou talvez o compositor brasileiro que mais tenha aproveitado temas do livro do Mário. Que mais vocês querem saber?*

MIS — *E a música coral?*

VIANNA — *Ah, isso eu não dou valor nenhum.*

MIS — *Porque?*

VIANNA — *Eu não escrevo para coro de forma que agrade...Mas eu tenho coisas para coro, eu tenho o Sabiá...*

---

108 Mozart Camargo Guarnieri, nasceu em Tietê em 1 de fevereiro de 1907 e faleceu em São Paulo em 13 de janeiro de 1993. Foi um compositor, professor e regente brasileiro. Possui um acervo de mais de 700 obras e é provavelmente o segundo compositor brasileiro mais executado, ficando atrás somente de Villa-Lobos.

109 *Ensaio sobre a música brasileira*. É uma publicação de Mario de Andrade, o qual realizou um estudo amplo e ao mesmo tempo genérico traçando possíveis relações entre música erudita e a música popular, buscando a nacionalização da música brasileira.

MIS – O Madrigal...

VIANNA – *Ah, esse Madrigal é muito bom! É para três vozes mas isso é um madrigal mesmo, do tempo renascentista, meu Deus! Pergunta para a Cleofe!*

MIS – Você está desprestigiando os filhos. Você escreveu quatro peças, não é?

VIANNA – *A Semana do Amor é uma peça portuguesa. Quer dizer, o texto é popular de Portugal mas a música é minha [pausa].*

***... Mas eu não estava preso nem nunca fui preso. Sou preso aos encantos femininos.***



Figura 14 Dona Juju, Guigui e Anna Maria (Acervo FV)

MIS – Pois não, pode prosseguir, professor.

VIANNA – *Às cinco horas eu tenho que estar na Academia de Música...*

—...Para uma eleição. São 4:10 h.

MIS – Esse boletim Interamericano de Música, publicado pela Organização dos Estados Americanos, publicou o catálogo das obras de Frutuoso até 1958. Eu queria saber se, de 1958 para cá, essa lista foi muito aumentada?

VIANNA – Não muito porque o Vasco Mariz, no seu livro *Cinco figuras da Música Brasileira*<sup>110</sup>, ele diz que, pela cronologia, percebe-se que o Frutuoso escreveu muito mais no período de 1920 a 1935, por aí...

MIS – Porque caiu sua produção, professor?

VIANNA – *Só Deus...*

MIS – Só Deus sabe. De 1958 para cá, o Sr. pouco trabalhou em composições, não é verdade?

MIS – Foi, durante muitos anos, professor da Escola Técnica...

MIS – Se me permitem, na cronologia de sua vida, hoje narrada, para este Museu, o Sr. parou em São Paulo, não é? Quando entramos na sua obra.

VIANNA – *Aí, em 1941, vim para o Rio e fui convidado para reger uma cadeira de piano no Colégio Bennet. Foram vinte anos aí. Mas não quer dizer que eu não tenha feito outras coisas.*

---

110 Vasco Mariz, nasceu no Rio de Janeiro em 22 de janeiro de 1921 e faleceu na mesma cidade em 16 de junho de 2017. Foi um historiador, musicólogo, escritor e diplomata brasileiro. Formou-se no Conservatório Brasileiro de Música, e graduou-se em Direito pela Universidade do Brasil. Foi diplomata, embaixador, delegado em vários organismos internacionais de importância, como a ONU (Organização das Nações Unidas), OEA (Organizações dos Estados Americanos), GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio), e UNESCO. Foi chefe do departamento cultural do Itamaraty. O livro na verdade se chama *Figuras da música brasileira contemporânea* e foi publicado em 1948.

MIS — Participou de júris, concursos, atividades múltiplas. E sua entrada na Escola Técnica, foi em que ano?

VIANNA — *A minha entrada foi o seguinte: eu estava em São Paulo, ainda, dirigindo o Coral Paulistano...*

— Foi regente do Coral Paulistano. Uma coisa importante aí...

VIANNA — *A minha vida de professor, em São Paulo, não foi narrada aqui. Em 1930, em São Paulo, fui convidado para reger uma cadeira de piano no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Então me deram alunos que tinham sido do Raimundo de Macedo<sup>111</sup>, que tinha falecido.*

MIS — ...Português.

VIANNA — *Até, outro dia, uma aluna que foi do Raimundo e foi minha também foi me procurar para uma entrevista, um testemunho de que ela precisava. Aí, eu fiquei sete anos e pouco...*

MIS — Em São Paulo.

VIANNA — *Na regência de uma cadeira do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Neste meio tempo, apareceu o Camargo Guarnieri, com quem eu me dava muito, era muito meu amigo, e me indicou para substituí-lo porque ele ia, como pensionista do governo de São Paulo, estudar na Europa. Ele não tinha uma pessoa para ficar com o Coral Paulistano. Indicou o meu nome e então fui substituí-lo mais ou menos de meados de 1938 até 1940. Eu dirigi mais ou menos 17 concertos no Teatro Municipal de São Paulo, pelo Coral Paulistano. Aí, em 1940, o Guarnieri chegou e eu cedi o lugar a ele, embora ele não quisesse que eu fizesse isso mas eu fiz. Mas ele não voltou para o antigo lugar dele. Não sei o que ele andou fazendo porque fui para o Rio Grande do Sul, fiz lá uma turnê de onze concertos mais ou menos e gostei tanto de lá que fiz questão de escrever um artigo na Gazeta de São Paulo. Fui à Gazeta, pedi para escrever e afinal consegui.*

---

111 Raimundo de Macedo, pianista e diretor musical de orquestra, foi um dos fundadores do Conservatório de Música do Porto (1917), conjuntamente com outros membros do corpo docente, como, Joaquim de Freitas Gonçalves, Luis Costa, José Cassagne, Pedro Blanco, Oscar da Silva, Ernesto Maia, Moreira de Sá, Carlos Dubbini, José Gouveia, Benjamim Gouveia e Angel Fuentes.

*Não sei se tenho guardado. O Rio Grande do Sul me encantou pela simplicidade, pela hospitalidade, pelo jeito das moças, das mulheres, sem malícia nenhuma. Mulher sentada em café...Foi a primeira vez que vi mulheres sentadas em cafês...*

— ...No Brasil.

VIANNA — *Não era confeitaria chique, não! Era café mesmo e achei aquilo uma delícia porque eu tinha visto na Europa, né. O Rio Grande do Sul tinha muito sangue alemão.*

MIS — Muito estrangeiro, muito cosmopolita a cidade.

VIANNA — *Não é só a cidade, não! Fiz onze concertos em onze cidades e escrevi um artigo na Gazeta de São Paulo. Isso me confortou muito porque eu tinha vontade de fazer essa justiça. Em fim de Novembro, mais ou menos, voltei do Rio Grande do Sul; isso em 1940 e estava sempre cartecendo com o Capanema, Ministro da Educação<sup>112</sup>, e pedi a ele um lugar no Rio. Até que eu mesmo indiquei o lugar, porque soube que estava vago: o de professor de Canto Orfeônico da Escola Técnica Federal. Carteei com o Capanema e ele acabou me nomeando. Mas eu já tinha me mudado para o Rio, sem lugar nenhum. Ia me aventurar. Aluguei uma casa aqui com algum recurso que tinha e, afinal, um dia o Carlos Drummond me contou que o Capanema tinha me nomeado. Mandou o Muricy me avisar. O Muricy foi lá em casa e não me encontrou. “Ele está preso!”, disseram ao Muricy. Era em plena Guerra. Porque havia, na vila em que eu morava, um estrangeiro que passava como espião e disseram que eu estava preso. E o Carlos Drummond levou um susto danado: “— O Muricy disse que foi lá e disseram que você estava preso!”. Isso aí serve para a entrevista?*

MIS — Sim, como não! A memória (risos).

VIANNA — *Mas eu não estava preso nem nunca fui preso. Sou preso aos encantos femininos. Serve isso?*

MIS — Claro! Daí então o Sr. fixou residência no Rio, onde mora até hoje?

---

112 Gustavo Capanema Filho, nasceu em Pitangui em 10 de agosto de 1900 e faleceu no Rio de Janeiro em 10 de março de 1985. Foi o ministro da Educação que permaneceu durante mais tempo no cargo, cêMIS de 11 anos contínuos, de 1934 a 1945.



Figura 15 Carta de Sénart sobre a publicação da Dança de Negros (Acervo FV).

VIANNA — *Pois é, daí tomei posse em Outubro de 1942, da cadeira de canto orfeônico. Nesse tempo, a cadeira não tinha título de “Canto Orfeônico”. Era “Educação Musical”. Aí é que eu gostei de ser nomeado! Professor de Educação Musical. Porque isso era uma coisa larga e o Canto Orfeônico...*

MIS — E você se aposentou em que ano?

VIANNA — *Aposentei-me há pouco tempo. Fiz a idade limite em 1966 mas o decreto de minha aposentadoria tem uns dois anos depois. Não é decreto, é portaria do Ministro. Depois é que me arranjei lá com uma pensão, porque eu não tinha tempo de serviço.*

MIS — Naturalmente eu gostaria de saber se você., como compositor, auferiu direitos autorais, seria interessante ouvir sua opinião.

VIANNA — *Minha opinião? [pausa]. Peço a você não repetir esta pergunta.*

MIS — Porque? Não lhe deu a música dinheiro?

VIANNA — *Deu glórias. O Sr. sabe o que são glórias?*

MIS — Não sei mas suponho o que deva ser. Portanto, dinheiro não?

VIANNA — Nada...

***...Eu acho que a minha música precisa ser analisada com muito pormenor.***

MIS — E quais foram os maiores músicos brasileiros, na sua opinião?

VIANNA — Compositores?

MIS — É. Vamos agora a perguntas de ordem geral ou opiniões de Fructuoso Vianna.

MIS — E Villa-Lobos, professor?



VIANNA — *Bem, nós temos que respeitar muito o Alberto Nepomuceno<sup>113</sup> que foi um dos grandes pioneiros da Música Brasileira. Também o Itiberê da Cunha<sup>114</sup> que é anterior, lá em Curitiba. Ele foi à Europa, conheceu Liszt, fez a Sertaneja que é considerada a primeira música de caráter nacionalista. Depois de um certo tempo, o Braga<sup>115</sup> foi um pouco nessa onda de música brasileira também, mas a gente sente que o Braga não está na dele...*

MIS — Estava na do Massenet...

VIANNA — *E depois vem o Villa-Lobos e com ele ninguém pode...*

MIS — O Sr. se considera um compositor eminentemente nacionalista?

VIANNA — *Não. Gosto de ser quando sou e gosto de não ser quando a música é boa também. Porque ela pode ter um caráter universal e ser muito boa.*

MIS — Justo. Mas a maior parte de sua obra é evidentemente de música brasileira.

MIS — Quer dizer, ele foi um militante da Música Brasileira pois fez a coisa intencionalmente, numa época em que havia a necessidade de afirmação.

VIANNA — *Eu acho que a minha obra precisa ser analisada com muito pormenor. Por exemplo, a Toada n.º 3, texto do Carlos Drummond. Eu acho um espetáculo essa musical Não é por ser minha, não! É porque o povo já acha. A última vez que eu acompanhei isso foi com a Leda*

---

113 Alberto Nepomuceno de Oliveira, nasceu em Fortaleza em 6 de julho de 1864, faleceu no Rio de Janeiro em 16 de outubro de 1920. Foi um compositor, pianista, organista e regente brasileiro. É considerado como o “pai” do nacionalismo e da música erudita brasileira.

114 Brasílio Itiberê da Cunha, nasceu em Paranaguá em 1 de agosto de 1846 e faleceu em Berlim em 11 de agosto de 1913. Graduado em Direito, foi um compositor e diplomata brasileiro.

115 Júlio Braga (?) nasceu em Olinda em 24 de abril de 1918 e faleceu em Recife em 10 de outubro de 1993, foi um pianista e compositor brasileiro. Ou Francisco Braga (?) nasceu em 15 de abril de 1868 na cidade do Rio de Janeiro e faleceu na mesma cidade em 14 de março de 1945. Foi compositor e regente, foi professor no Instituto Nacional de Música. Inaugurou o Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1909 regendo seu poema sinfônico *Insônia*.

Coelho de Freitas<sup>116</sup>, que cantou na Sala Cecília Meireles, em 1966. A recepção que essa música teve... Porque ela cantou muito bem e essa música só muito bem cantada pode interessar o público. Foi um espetáculo! Uma ovação fora do comum. Tivemos que repetir. Mas não se pode dizer: “Ela é nacionalista!”. Pegando essa música, se vê que o caráter é nacionalista. A música é caipira mesmo mas um caipira um pouquinho transfigurado. Quem sabe ouvir, conhece o caipira ali; descobre o caipira ali. Quem sabe ouvir! Quem não sabe pode até nem perceber que é caipira.

MIS — E quais os intérpretes mais importantes que o Sr. ouviu na sua vida?

VIANNA — Acho que essa audição que tive na Europa, de grandes artistas, contribuiu muito para aprimorar meu gosto. Cito alguns nomes: Koussevitsky<sup>117</sup>, que foi o primeiro regente que vi na vida, tocando *Le Sacre du Printemps*<sup>118</sup>. Quando eu vi aqui o *Le Sacre*, quantos anos depois, me diziam: “— Você viu como é moderno?!”. Eu já tinha visto isso na Ópera de Paris, em 1923!

MIS — Aqui foi trinta ou quarenta anos depois.

VIANNA — O Pienet (?) no Concerto de Colônia; o René Bateau<sup>119</sup>, no Pásdeloup, o Walter Tarain(?), na música moderna; Bruno Walter<sup>120</sup>,

---

116 Leda Coelho de Freitas, grande soprano brasileira, considerada uma das maiores cameristas do país. Foi professora catedrática da Escola Nacional de Música. Estudou no Rio de Janeiro, na escola de Vera Janacopoulos. Aperfeiçoou-se com Bernac (Paris), Werba (Salzburgo) e Cigna (Itália).

117 Serge Aleksandrovich Koussevitzky, nasceu em Vyshny Volochyok, Tver Oblast, na Rússia, em 26 de julho de 1874 e faleceu em 4 de junho de 1951 em Boston (EUA). Foi um maestro, compositor, e baixista russo. Foi diretor musical da Orquestra Sinfônica de Boston durante 25 anos (1924-1949).

118 *Le Sacre du Printemps* (Sagração da Primavera) é um balé composto por Igor Stravinsky e originalmente coreografado por Vaslav Nijinsky. É uma peça com inovadoras e complexas estruturas rítmicas.

119 René Bateau — não encontrei referências

120 Bruno Schelesinger, conhecido como Bruno Walte, descendente de judeus, nasceu em 15 de setembro de 1876 em Berlim e faleceu em 17 de fevereiro de 1962 em Beverly Hills. Foi um maestro e compositor alemão. Iniciou seus estudos no Conservatório de Stern. Tornou-se maestro na casa de Ópera de Breslau em 1896, indicado por Mahler.

na Alemanha, no *Messias*, de Händel; Furtwängler<sup>121</sup> regente titular da Orquestra Sinfônica de Berlim; Ida Rubinstein<sup>122</sup>...

MIS – A grande bailarina...

VIANNA – *Bailarina e atriz! D’Annunzio<sup>123</sup> escreveu o Batismo de São Sebastião para a Ida Rubinstein. O Sr. Sabe como foi? O Sr. Sabe Ele foi ao teatro e a viu dançar. No fim, ele foi na caixa do teatro e disse: – “A Sra. vai ser o meu São Sebastião!”. Esse episódio é muito interessante! Ele tinha escrito um poema lírico sobre a vida de São Sebastião, em francês porque ele era bamba no francês. Era um indivíduo riquíssimo! Um gênio italiano!*

MIS – O Sr. pode tocar alguma coisa para deixar registrado no Museu?

VIANNA – *Foi aí que a Ida Rubinstein subiu no meu conceito porque eu não a conhecia ainda, mas vi o São Sebastião e, quando assisti, já sabia que o D’Annunzio tinha dito isso. Quem me contou foi uma filha do Alberto Nepomuceno, com quem convivi em Paris. O Ricardo Strauss<sup>124</sup> eu o assisti dirigindo a Orquestra de Berlim, fazendo 50 anos de vida pública. Ele tocou vários concertos: Assim falava Zaratustra<sup>125</sup>, Morte e Transfiguração, trechos da Salomé e do Espectro (sic) [Cavaleiro] da Rosa, Sinfonia Doméstica, o repertório dele. Ouvi o*

---

121 Wilhelm Furtwängler, descendente de uma importante família alemã, nasceu em 25 de janeiro de 1886 em Berlim, e faleceu em 30 de novembro de 1954 em Ebersteinbrug. Foi um compositor e maestro alemão. Durante o período nazista da Alemanha, foi titular da Orquestra Filarmônica de Berlim.

122 Ida Lvovna Rubinstein, descendente de uma família judia russa, muito rica, nasceu em Krakov na Ucrânia em 5 de outubro de 1885 e faleceu em 20 de setembro de 1960. Foi uma bailarina e atriz russa. Conhecida por sua beleza e expressividade artística, e pensamentos a frente de seu tempo, era Bissexual assumida.

123 Gabriele D’Annunzio, nasceu em Pescara em 12 de março de 1863 e faleceu em Gardone Riviera em 1 de março de 1938. Foi um poeta e dramaturgo italiano, considerado símbolo do decadentismo e herói de guerra. Escreveu o *Le martyre de Saint Sébastien* (O martírio de São Sebastião) em 1911 para Ida Rubinstein.

124 Richard Georg Strauss, nasceu em Monique em 11 de junho de 1864 e faleceu em Garmisch-Partenkirchen em 8 de setembro de 1949. Foi um compositor e maestro alemão. Considerado um dos mais importantes compositores e representantes da música de sua época, conjuntamente com Gustav Mahler é um dos principais nomes do Romantismo Alemão tardio, após é claro de Richard Wagner. Entre suas obras, podemos destacar as óperas *Der Rosenkavalier*, e *Salomé*. Compos também lieder, poemas sinfônicos, obras orquestrais.

125 Zaratustra, conhecido por Zoroastres ou Zoroastro, em grego, e que significa *Contemplador de astros*. Foi um profeta e poeta. Nasceu na Pérsia, no século VII a.C. É conhecido por criar a primeira religião monoteísta (Masdeísmo ou Zoroastrismo).

*Eugênio Dalberto*<sup>126</sup> tocar piano aluno de Liszt! *Émile Sauer*<sup>127</sup>, eu o ouvi tocar *Berceuse de Chopin*, com que delicadeza!

MIS — Alunos diretos de Liszt.

VIANNA — *Walter Giesecking*<sup>128</sup>. *Esse eu vi em Berlim. Ele esteve aqui mas eu o vi em Berlim. Arthur Rubinstein, Robert Casadesus*<sup>129</sup>, *Alfred Cortot*<sup>130</sup>, *Blanche Selva, Myra Hess*<sup>131</sup>.

MIS — A inglesa.

---

126 Eugen Francis Charles d'Albert (10 de abril de 1864, Glasgow, Reino Unido — 3 de março de 1932, Riga, Letônia) foi um pianista e compositor escocês. Estudou inicialmente sob a orientação de seu pai, e posteriormente ingressou no Royal College of Music em Londres, onde foi aluno de Sullivan e Pauer. Seguiu seus estudos de piano com Liszt em Weimar.

127 Emil von Sauer, nasceu em 8 de outubro de 1862 em Hamburgo e faleceu em 27 de abril de 1942 e Viena. Foi um compositor e pianista alemão. Teve suas primeiras aulas de música com mãe. Conheceu Anton Rubinstein, que o apresentou Nicolas Rubinstein. Assistiu as famosas "masterclasses" de Liszt. Foi professor no Conservatório de Viena de 1901 a 1907.

128 Walter Wilhelm Giesecking nasceu em 5 de novembro de 1895 e faleceu em 26 de outubro de 1956. Foi um pianista e compositor, nascido na França (Lyon), porém filho de um alemão. Estudou no Conservatório de Hanover, com o professor Karl Leimer.

129 Robert Casadesus nasceu em 7 de abril de 1899 na cidade de Paris e faleceu na mesma em 19 de setembro de 1972. Foi um pianista e compositor francês. Estudou no Conservatório de Paris com Louis Diémer.

130 Alfred Denis Cortot nasceu em 26 de setembro de 1877 em Nyon (Suíça) e faleceu em 15 de Junho de 1962 em Lausanne (Suíça). Considerado um dos mais renomados músicos do século XX, devido a sua grande compreensão e expressão poética sobre Chopin, Saint-Saëns e Schumann. Foi um pianista, regente e professor. Estudou no conservatório de Paris com Émile Decombes, aluno direto de Chopin.

131 Dame Julia Myra Hess, nasceu em 25 de fevereiro de 1890 na Inglaterra e faleceu em 25 de novembro de 1965 no mesmo país. Descendente de uma família judia, recebeu suas primeiras lições de piano aos 5 anos de idade. Estudou na Guildhall School of Music e na Royal Academy of Música com Tobias Matthay. É conhecida pelos seus trabalhos sobre Bach, Mozart, Beethoven e Schumann.

VIANNA — *Paderewsky*,<sup>132</sup> *Quarteto Capet*, *Jorge Enesco*<sup>133</sup>, *Hubermann*<sup>134</sup> *que tocou com o Koussevitzky o Concerto em ré maior de Beethoven. Kreisler*<sup>135</sup>, *Heifetz*<sup>136</sup> e *Menuhin*<sup>137</sup>.

MIS — É uma grande lista. Mas, e dos brasileiros? Quais os que o Sr ouviu e mais lhe agradaram? Eu sei que a Magdalena Tagliaferro<sup>138</sup> foi sua intérprete e tocou a primeira audição da *Dança de Negros*, em Paris, não foi?

VIANNA — *Não, não foi a primeira, foi a segunda. A primeira foi feita pelo Souza- Lima. A primeira audição da Dança de Negros foi num concerto em homenagem ao Washigton Luís que tinha sido indicado para ser presidente da república, no Teatro Comédia. O Souza-Lima, a Vera Janacópulos*<sup>139</sup> *e aquele grande tenor brasileiro...*

---

132 Ignacy Jan Paderewsky nasceu em 18 de novembro de 1869 na cidade de Kurylovka e faleceu em Nova York em 29 de junho de 1941. Foi pianista, compositor, político, diplomata e grande defensor da causa nacionalista em seu país. Estudou no Conservatório de Varsóvia com Theodor Leschetizky. Foi professor no Conservatório de Estrasburgo.

133 Geroge Enescu nasceu em 19 de agosto de 1881 em Liveni (Romênia) e faleceu em 4 de maio de 1955 em Paris. Foi compositor, violinista, pianista, maestro e professor. Suas primeiras lições de música foram aos 4 anos de idade, com o professor Eduard Caudella, que o ensinava violino. Estudou no Conservatório de Viena com Joseph Hellmesberger (violino), Robert Fuchs e Sigismund Bachrich. Posteriormente estudou no Conservatório de Paris (1895-99) com Armand Marsick, André Gedalge, Jules Massenet e Gabriel Fauré. Entre suas obras temos Ópera, Sinfonias, peças Orquestrais, quartetos, Sonatas, peças para piano.

134 Hubermann — não achei referência

135 Friedrich Fritz Kreisler nasceu em 2 de fevereiro de 1875 em Viena e faleceu na cidade de Nova York em 29 de janeiro de 1962. Considerado um dos melhores mestres do violino. Também foi compositor, escreveu Operetta, músicas vocais, peças para piano, quartetos, duos, e cadências para concertos de violinos de grandes compositores como Beethoven, Brahms, Mozart, Paganini, entre outros.

136 Jascha Heifetz nasceu na Lituânia em 2 de fevereiro de 1901 e faleceu em Los Angeles em 10 de dezembro de 1987. Um dos maiores virtuosos da história do violino, ficou muito famoso pelas suas interpretações de Paganini, Bach e Saint- Saëns. Alguns o consideram como o melhor violinista do século XX.

137 Yehudi Menuhin nasceu em Nova York em 22 de abril de 1916 e faleceu em Berlim em 12 de março de 1999. Foi maestro e violinista estado-unidense. Considerado um dos maiores violinistas do século XX. Viveu grande parte de sua vida no Reino Unido. Possuía cidadania Suíça e Britânica.

138 Magdalena Maria Yvone Tagliaferro, conhecida como Magda Tagliaferro, nasceu em Petrópolis em 19 de janeiro de 1893 e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de setembro de 1986. Era pianista, que muito cedo já foi premiada. Aos 13 anos ganhou o primeiro prêmio do Conservatório Nacional de Paris. Foi professora em Paris, São Paulo e no Rio de Janeiro.

139 Vera Janacópulos, nasceu em Petrópolis em 20 de dezembro (1886 ou 1892) e faleceu no Rio de Janeiro em 5 de dezembro de 1955. Soprano, de descendência grega, estudou violino em Paris com o compositor romeno George Enescu, mas abandonou o instrumento para estudar canto.

MIS — E a edição Salabert<sup>140</sup>, foi motivada porquê? Pelo sucesso da peça na França?

VIANNA — *Em 1926, eu estava aqui no Rio e a Magdalena Tagliaferro veio dar uns concertos e tocou no Teatro Lírico que ainda existia. Então eu fui falar com ela, que estava no Hotel Glória, e pedi uma entrevista. Toquei a Dança de Negros, a Serenata Espanhola e... uma ou outra música. Pedi-lhe que se interessasse para que fosse editada a minha Dança de Negros. Ela me disse: “— Pois não!” Pegou a Dança, depois colocou num concerto lá em Paris e me escreveu uma carta, dizendo que tinha posto minha obra no programa de um concerto e entregue o manuscrito na Casa Sénart. O Salabert é que ficou com o patrimônio da Casa, mais tarde. Ela foi muito gentil comigo pois podia não querer. E depois tocou em outros lugares. Agora, a minha Dança de Negros, o Sr. creia, eu não reputo como uma grande composição mas ela teve mais repercussão. Foi tocada pelo Arnaldo Estrela<sup>141</sup>, na China e em Londres, pela Anna Stella Schic<sup>142</sup>, em Moscou. A Maria Menezes de Oliva<sup>143</sup> tocou no Egito, nas colônias francesas Marrocos e Argélia. O Souza- Lima, essa menina que está fazendo um grande sucesso, agora...*

MIS — A Cristina Ortiz<sup>144</sup>.

VIANNA — *Ela está tocando a Dança de Negros por toda parte. Nos Estados Unidos ela tem sido muito tocada. Agora, money zero [risos].*

---

140 Francis Salabert nasceu em Paris em 27 de julho de 1884 e faleceu em uma queda de avião em Shannon Airport na Irlanda. Foi um grande editor, responsável pela publicação de inúmeros trabalhos musicais. Herdou o patrimônio da Casa Sénart.

141 Arnaldo de Azevedo Estrela nasceu no Rio de Janeiro em 14 de março de 1908 e faleceu em Petrópolis em 21 de fevereiro de 1980. Pianista, estudou na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro, onde foi aluno de Joaquim Antonio Barroso Neto, Oscar Fernández e Tomás Terán. Apresentou-se em diversos países.

142 Anna Stella Schic nasceu em Campinas em 30 de junho de 1922 e faleceu em Nice em 1 de fevereiro de 2009. Autora da biografia de Heitor Villa-Lobos. Foi aluna de José Kliass e Martin Krause, este que chegou a ter aulas com Franz Liszt.

143 Maria Menezes de Oliva.

144 Cristina Ortiz nasceu em 17 de abril de 1950 na Bahia. Pianista. Estudou com Magda Tagliaferro na França. Ganhou o Primeiro Premio na terceira edição de Van Cliburn International Piano Competition. Continuou seu aprimoramento com Rudolf Serkin na Philadelphia no Curtis Insitute of Music e depois mudou-se para Londres, onde vive até hoje.

MIS — O Sr. não citou Guiomar Novaes<sup>145</sup>.

VIANNA — *Ah, a Guiomar! Eu tenho duas músicas dedicadas a ela. Ela tocou as Miniaturas em Nova Iorque e o meu Prelúdio nº 3, no Rio e em São Paulo.*

MIS — A sua *Serenata Espanhola* é dedicada a ela, não é?

VIANNA — *É dedicada a ela.*

MIS — E Antonizeta Rudge<sup>146</sup>, que já está idosa?

VIANNA — *Eu tenho uma peça dedicada a ela que se chama Jogos Pueris. Vocês querem mais quantos minutos de mim?*

— Já estamos encerrando. Queremos que o Sr. diga mais coisas.

VIANNA — *Eu quero o seguinte: eu vivi estas peças Reliquia Apócrifa, Cantar Galego, Partir e Ficar e a Cantiga dos olhos que choram. Passei dois anos, junto do Guilherme de Almeida<sup>147</sup>, trabalhando. Porque ele foi um dos diretores do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo e eu passei dois anos junto dele, conversando todo dia, como nós estamos conversando aqui. Então ele me mostrou coisas que ele fazia como poeta e me mostrou também esta suíte em que ele está historiando a língua portuguesa, desde Reliquia Apócrifa, que é um documento que ninguém sabe o autor. Isso é século XII, XIII... Ninguém sabe o autor das poesias. São relíquias que se acham nos museus. E eu musiquei isso. Ele vai modernizando a linguagem. Cantar Galego já é à maneira da Galícia. Não se sabia se a língua era da Galícia ou de Portugal. Partir e Ficar já é mais português de 1300. Bailia já é à maneira de Gil Vicente. Cantiga dos olhos que choram é à maneira de Garcia Resende. Vilancete é à maneira de Bernardim Ribeiro. Guilherme de Almeida me disse que chegou no Gregório de Mattos, da Bahia, porque ele ia passar a língua*

---

145 Guiomar Novaes nasceu em São João da Boa Vista em 28 de fevereiro de 1894 e faleceu em São Paulo em 7 de março de 1979. Foi uma pianista brasileira que construiu uma carreira sólida no exterior. Conhecida por suas interpretações de Chopin e Schumann. Divulgou muitos trabalhos brasileiros, como por exemplo, as composições de Villa-Lobos.

146 Antonizeta Rudge nasceu em São Paulo em 13 de junho de 1885 e faleceu na mesma cidade em 14 de julho de 1974. Foi uma pianista brasileira com prestígio internacional.

147 Guilherme de Andrade de Almeida, nasceu em Campinas em 24 de julho de 1890 e faleceu em São Paulo em 11 de julho de 1969. Foi advogado, jornalista, crítico de cinema, poeta, ensaísta e tradutor.

*para cá, assim, como houve a transposição até hoje. Eu gostaria de encerrar esta minha entrevista dizendo esses versos do Partir e Ficar. Eu acho uma maravilha isso! Pode ser agora para encerrar?*

— Pode.

VIANNA — [recitando]:

*Poys que o partir & o ficar  
Sam males de yqual trestura  
Ca o coydar & o sospirar  
Sam d'ambos desaventura  
Barcas que vos hys ao mar  
Terras que em terra jazees  
Os sospyros & os coydados  
De todos os trebulados  
Por Deos os nam esguardees.*

— Então nós consideramos, como o próprio Fructuoso Vianna quis, encerrada a sua entrevista com ele dizendo os versos que ele musicou sobre Guilherme de Almeida, aos 20 minutos para as 17 horas, esta tarde no Museu da Imagem e do Som.



## Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA. Academia Brasileira de Música. Disponível em < <https://abmusica.org.br/>>

ALENCAR PINTO, Aloysio. *Frutuoso de Lima Vianna*. Manuscrito datilografado, sem data e assinado pelo autor. Acervo do LAM: FV/E/0008

AZEVEDO, Luís Heitor Corrêa de. *Cento e cinquenta anos de música no Brasil (1800– 1950)*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1956.

BARROSO DO AMARAL, Zózimo e SUTER, Fred. "Mineirice". *Jornal do Brasil*. Rio, 27 de maio de 1989.

BORGES, Jorge Luís. *Borges oral*. Barcelona, Editorial Bruquera, S.A., 1984: p. 92.

CALDAS, Waldenyr. "Manifestações representativas da Semana de 22: Música". In *Anais do Curso A Semana de Arte Moderna de 22, 60 anos depois*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 1982: pp. 25– 34

CARLINI, Álvaro L.R.S. *A viagem na viagem: maestro Martin Braunwieser na Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura de São Paulo (1938) –Diário e correspondência à família*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da FFLCH. São Paulo, 2000: pp. 141– 142

CARVALHO, Regilena de. "Semana Frutuoso Vianna". *O Sul de Minas, Itajubá*, 5/9/98: p. 17.

CASTRO, Marcos Câmara de. *Frutuoso Vinanna, orquestrador do piano*. Rio de Janeiro: ABM Editorial, 2003.

CAZES, Leonardo. *Clássico sobre música erudita do país volta às livrarias*. 2017. Site visualizado no dia 26/10/2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/classico-sobre-musica-erudita-do-pais-volta-as-livrarias-22202033>> Acesso em 11/12/22.

CHAGAS, V. *Didática Especial de Línguas Modernas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

CONTIER, Arnaldo. "Mário de Andrade e a Música Brasileira". *Revista Música*, vol. 5, no 1, São Paulo, maio/94. Departamento de Música da ECA/USP: pp. 38-39.

COOK, Nicholas e POPLE, Anthony (Editores). *The Cambridge History of Twentieth-Century Music*. Cambridge: Cambridge University Press 2004.

MAGALHÃES, Anchieta Couto de e MOREIRA PINTO. *Enciclopédia Do Município Brasileiro*. PIRES FERREIRA, Jurandyr (planejado e orientado por). Rio, IBGE, 1959: vol. XXV.

SADIE, Stanley (ed.). *Dicionário Grove de música: edição concisa*. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 1994.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: ed. Perspectiva, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2000.

FREITAG, Léa Vinocour. S/N. O Estado de São Paulo, 29 de maio de 1985. FV/P/0048.

GUIMARÃES, Armelino. *História de Itajubá*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1987.

HERNANDEZ, Antônio. "Frutuoso Vianna, o grande miniaturista da música brasileira". *O Globo*, Rio, 5 de maio de 1976.

JAMIL CURY, Carlos Roberto. A desoficialização do ensino no Brasil; A Reforma Rivadávia. *Educação Social*, Campinas, v.30, n. 108, pp. 717-738, out. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n108/a0530108>> Acesso em: 07 jun. 2018

MARIZ, Vasco. *Figuras da música brasileira contemporânea*. Brasília, UnB, 1970.

MARTINS, José Eduardo. *Henrique Oswald: personagem de uma saga romântica*. São Paulo, EDUSP, 1995.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência – Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo, EDUSP/IEB, 2000.

NEÉL, Alexandra David. *l'Hinde où j'ai vécu*. Paris, Plon, 1951: pp. 31-36.

OLIVEIRA, José da Veiga. "Obras de Frutuoso Vianna". Documento datilografado em laudas do Diário Popular: FV/P/0111.

PAIVA, Ambrosina Freitas. "Frutuoso de Lima Vianna". Trabalho apresentado na Academia Itajubense de História. Itajubá, 6 de Setembro de 1986 – FV/E/0210.

PAMPLONA, Euripedes de Oliveira (coord.). "Frutuoso de Lima-Vianna – 1896/1976 (1ª parte)". Região Sul, Itajubá, 6/10/96.

RANGEL BANDEIRA, Antonio. "Frutuoso Vianna". Diário de São Paulo, São Paulo, 12 de abril de 1950.

RAYNOR, Henry. *História Social da Música*. Rio de Janeiro. Zahar

RICARDI. "Recital de Frutuoso Viana". Folha da Manhã, São Paulo, 12 de abril de 1960.

RICHERME, Cláudio. *A técnica pianística – uma abordagem científica*. São João da Boa Vista, SP, Air Musical Editora, 1996.

SAMPAIO, João Luiz. "Frutuoso Vianna redescoberto". In *O Estado de São Paulo*, 21/12/2003, p. D 5.

SCHERCHEN, Hermann. CANTAGREL, Gilles (présentation). *Jean-Sébastien Bach*. Paris, Hachette, 1963.

SILBERMANN, Alphons. *Introduction a une sociologie de la musique*. Paris, P.U.F., 1955.

LACERDA, Osvaldo. "O compositor Brasileiro e sua Família". In "Revista da SBMC, Ano I n° 01 –1994, p. 91.

VONO, Caio. "A brasilidade na música de Frutuoso Vianna". *Correio Braziliense*, Brasília, 9 de setembro de 1985: p.17.

WISNIK, José Miguel. *O coro dos Contrários*. São Paulo, Liv. Duas Cidades, 1983.

## **Sobre os autores**

Rafael Stein Pereira Possui graduação em Pedagogia pela FFCLRP-USP (2015). Possui graduação em Música (Bacharel em Canto e Arte Lirica) pela FFCLRP-USP (2019). É orientado vocalmente por Angelo Fernandes desde 2017 (Brasil), e por Alberto Mastromarino e Anna Valdetarra (ambos da Itália). É integrante da cia. Minaz onde atualmente é solista e trabalha como professor convidado de técnica vocal.

Marcos Câmara de Castro é professor associado do Departamento de Música de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e editor-gerente e fundador da Revista da Tulha.